

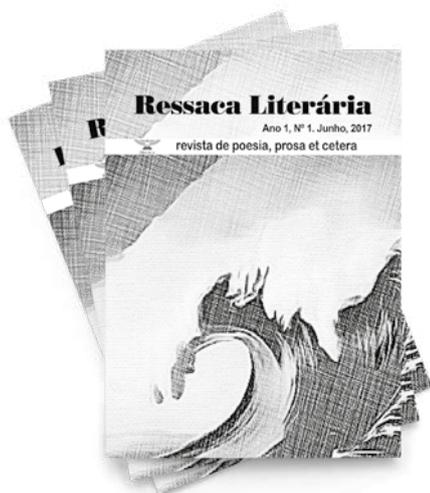


# RESSACA LITERÁRIA

Ano 6, nº 12. Outubro, 2022

REVISTA DE POESIA, PROSA ET CETERA

# EDIÇÕES ANTERIORES





# Para Início de **CONVERSA**

Olá, caro(a) leitor(a)! É um imenso prazer tê-lo(a) conosco nesta décima segunda edição da revista Ressaca Literária. Tudo começou com uma ideia em sala de aula, em maio de 2017, sendo a primeira edição lançada de forma experimental. A ideia principal é a de incentivar a produção de textos de diversos gêneros da literatura e expor pontos de vistas diferentes sobre autores e obras da literatura tocantinense, brasileira e mundial. Além disso, trazer propostas de leituras de clássicos e da atualidade.

A Revista Ressaca Literária tornou-se um canal de divulgação de textos acadêmicos, literários e culturais. Ao longo de 6 (seis) anos, foram entrevistados escritores da Academia Gurupiense de Letras (AGL) e passaram pelas edições da revista professores, contando suas autobiografias, além disso, a revista tem revelado talentos artísticos e literários no meio acadêmico, com destaque para o estudante Luiz Fernando Macedo de Araújo, que tem elaborado as capas da revista. Ressaltamos ainda que nossa capa, as matérias, entrevistas e postagens são elaboradas pelos docentes e discentes do Curso de Letras da Universidade de Gurupi.

Nesta edição, o leitor encontrará textos interessantíssimos como *A invenção do dia claro: leitura em prosa e poesia*, uma análise de Priscila Borges Daher, na coluna ressaca de leitura. No caminho da prosa lerá os contos de Euler Moura e Jhennifer Silva Carvalho. Na coluna Ondas de poesia, se emocionará com vários poemas escritos pelos acadêmicos. Também lerá a análise narrativa do Retábulo de Santa Joana Carolina, do texto do escritor Osman Lins. Na sequência, conheceremos um pouco da história do professor Jack Barbosa, na coluna espaço acadêmico autobiográfico, e da história de Felipe Neves, na coluna entrevista. Na produção acadêmica, os textos dos egressos do Curso de Letras, Lucas dos Santos Costa e Isabelle Alves Neves. A coluna melopeia e tradução traz música e poesia em língua inglesa, com tradução livre de Jack Barbosa. Cinema e teatro são temas da coluna Outras Artes, com textos de Marcos Paulo Cerutti e Clara Borges Oliveira.

A revista agora tem uma coluna de entretenimento, com cruzadas literárias e sugestão de leitura.

Aproveite a leitura!

# Nossa capa



**NOSSA CAPA:** Luiz Fernando Macedo de Araújo  
**Título:** Belezas do Tocantins  
**Dimensão:** 0,50 x 0,30 m  
**Técnica:** Impressionismo  
pintura digital



**Luiz Fernando Macedo Araújo** é artista plástico, desenhista e acadêmico do 6º período do Curso de Letras da Universidade de Gurupi (UNIRG). Desde criança foi incentivado pela mãe a expressar seus sentimentos por meio da arte. Começou com desenhos simples e, aos poucos, foi aperfeiçoando sua pintura. Hoje Luiz pinta telas com a sensibilidade de quem faz poesia, põe na composição das tintas a mesma suavidade com que toca a tela com os pincéis. Luiz diz ser apaixonado por desenhos e pinturas e busca sempre melhorar a sua técnica.

## Nossa equipe



**PREFIXO EDITORIAL:** 922619  
**NÚMERO ISBN:** 978-65-00-53811-3  
**TÍTULO:** Ressaca Literária Nº 12  
**TIPO DE SUPORTE:** papel  
**VEICULAÇÃO:** Físico

**PRODUÇÃO:** Curso de Letras - UnirG  
**DIREÇÃO:** Maria Wellitania Oliveira

### UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

#### Presidente:

Thiago Piñero Miranda

#### Diretor Administrativo Financeiro

Oximano Pereira Jorge

#### Reitora:

Dr<sup>a</sup>. Sara Falcão de Sousa

#### Vice-Reitor:

Prof. Me. Jeann Bruno Ferreira da Silva

#### Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rise Consolação Luata Costa Rank

#### Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Fábio Pegoraro

#### Coordenadora do Curso de Letras:

Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Wellitania de Oliveira

#### Coordenadora de Estágio:

Prof<sup>a</sup>. Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

#### COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Victória Reginna Soares Cavalcante

#### REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Ana Paula Soares Marinho

Ane Lise Capitãnio B. Furlan

Brunno de Sousa e Silva

Felipe Oliveira Neves

Ilcemara Regina lensen Farencena

Isabelle Alves Neves

Jackson Barbosa da Silva

Marcos Gonçalves Ceruti

#### DIAGRAMAÇÃO:

Natan Fernandes

#### PROJETO GRÁFICO:

Wellitania Oliveira

#### CORREÇÃO/REVISÃO:

Ilcemara Regina I. Farencena /Alexandre Peixoto Silva

#### IMPRESSÃO:

Gráfica Global

#### TIRAGEM:

100 exemplares

#### CONTATO:

ressacaliteraria2017@gmail.com

#### WHATSAPP:

(63) 98488-4480 / 3612-7521

Av. Antônio Nunes da Silva, nº 2195, Parque das Acácias - Gurupi - TO - 77425-500

# ***SUMÁRIO***

PARA INÍCIO DE CONVERSA	<b>03</b>
RESSACA DE LEITURA	<b>06</b>
NO CAMINHO DA PROSA	<b>11</b>
ONDAS DE POESIA	<b>17</b>
TEORIA LITERÁRIA	<b>22</b>
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	<b>26</b>
ENTREVISTA	<b>28</b>
PRODUÇÃO ACADÊMICA	<b>31</b>
MELOPEIA E TRADUÇÕES	<b>41</b>
OUTRAS ARTES	<b>43</b>
MARULHOS LITERÁRIOS	<b>46</b>
CRUZADAS LITERÁRIAS	<b>48</b>

## RESSACA DE LEITURA

# A INVENÇÃO DO DIA CLARO: LEITURA EM PROSA E POESIA

O livro de Almada Negreiros *A Invenção do Dia Claro* é uma obra singular, pois nele, o autor trabalha com a prosa, a poesia e a arte poética. Por meio de um vocabulário simples e despojado, Almada tece em suas páginas com parábolas, narrativas e descrições, num discurso inovador em que expressa, por meio da fala de uma criança para sua mãe, suas ações, pensamentos e descobertas.

A narração é iniciada por um prólogo, “O Livro”, em que o autor opta por estabelecer uma narrativa metaliterária, já que a sua estrutura, linguagem, personagens e gênero textual (prosa) são elementos que garantem a singularidade na escrita de Almada Negreiros.

*Entre numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para metade da livraria.*

*Deve certamente haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, senão estou perdido.*

*No entanto, as pessoas que entravam na livraria estavam todas muito bem vestidas de quem precisa salvar-se. (NEGREIROS, 1984, p.153).*

No excerto acima, percebe-se que o eu



*Almada Negreiros*

narrador faz uma reflexão sobre a leitura e a produção literária contida na livraria e, como esta produção, supera-o quanto ao tempo de duração de sua vida. A observação e a descrição feita pelo narrador mostra que o mesmo fez uma leitura intelectual reflexiva do ambiente e da clientela que ali estava. Trata-se de um processo eminentemente reflexivo, dialético, isto é, ao mesmo tempo em que o leitor (narrador) sai de si, em busca da realidade expressa pelo ambiente, que representa o texto, sua percepção implica uma volta à sua existência pessoal e uma visão da própria realidade vivenciada, estabelecendo um diálogo entre o ambiente

e o eu narrador com o contexto no qual a leitura se realiza.

A *Invenção do Dia Claro* tem como pano de fundo uma narrativa de uma viagem em que são relatadas: a véspera da viagem, a viagem, e o regresso da viagem. Nela o autor trabalha uma linguagem aparentemente ingênua, mas que traz inserida uma significativa construção poética.

Na primeira parte da narrativa, “Andaimas e Vésperas”, com o título de “A Conferência Improvisada”, Almada Negreiros faz uma reflexão sobre o binômio de que é formada a humanidade.

*Mulheres e homens são as duas metades da humanidade – a metade masculina e a metade feminina.*

*Ha coisas inteiras feitas de duas metades e aonde não se pode cortar ao meio para separar essas duas metades. Exemplo: a humanidade com a metade masculina e a metade feminina. São duas metades que deixam, cada uma, de ser uma metade se não houver a outra metade.*

*A linha que passa por entre estas duas metades é parecidíssima com o ar por dentro de uma esponja do mar, seca. (NEGREIROS, 1984, p.155).*

Neste fragmento, a reflexão gira em torno do equilíbrio entre os seres. Assim, ele deduz que a humanidade é feita de homens e mulheres, masculino e feminino, e se uma dessas metades deixasse de ser metade, haveria um desequilíbrio na humanidade, pois como ele afirma, “não se pode cortar ao meio para separar essas duas metades”.

Toda a narrativa de *A Invenção do Dia Claro*

tem um tom filosófico, envolve o leitor em várias reflexões e algumas passagens são de pura poesia. Entre prosa e poesia Almada vai construindo suas histórias, recordando progressivamente de episódios, ao mesmo tempo em que as conta para uma ouvinte invisível a “Mãe” com se pode confirmar em: “Eu acho que todos os livros deviam chamar-se assim: «O leal conselheiro»! Não achas, Mãe?” (NEGREIROS, 1984, p. 154).

A *Invenção do Dia Claro* é uma narrativa que não segue uma linearidade, não tem princípio, meio, nem fim. Mas mesmo assim, é possível perceber a lógica dos acontecimentos narrados. O texto apresenta vários binômios, mas, o que mais se destaca é o de ‘claridade e sombra’.

O autor mostra o que aconteceu em um tempo e os elementos vão sendo construídos, numa base de luz e de escuridão, em que algum tempo o ilumina e em outros os escurece.

*[...] Houve um homem sozinho que se pôs a espreitar esta diferença – havia pessoas maravilhadas e outras que estavam cansadas.*

*Depois ainda espreitou melhor: Todas as pessoas estavam maravilhadas, depois não sabiam argumentar-se maravilhadas e ficavam cansadas.*

*As pessoas estavam tristes ou alegres conforme a luz para cada um – mais luz, alegres – menos luz, triste. (NEGREIROS, 1984, p. 157).*

Nesta citação, o autor mostra que as pessoas tinham energia quando estava com a luz do sol forte e pareciam com menos força quando essa luz começava a desaparecer.

Quer dizer que cada combinação que o sol fazia significava uma letra e essas letras formam as palavras. Então quando as pessoas estavam formando palavras elas estavam alegres e quando paravam elas se sentiam cansadas.

Apesar da sugestão dada pelo título, o livro é marcado pela obscuridade e dificuldades de interpretação, o que dá um caráter subjetivo à obra, o que é fruto da arte poética que também constitui a escrita de Almada, conforme o fragmento abaixo:

*Só há sombra do sol nas laranjeiras da outra margem, e todas as noites o sono chega roubado!*

*Mãe! As estrelas estão a mentir. Luzem quando mentem. Mentem quando luzem. Estão a luzir, ou mentem?*

*Já ia cuspir para o céu! (NEGREIROS, 1984, p.162).*

Assim, a poesia na obra de Almada é uma forte enunciação representada pela subjetividade, uma voz que faz referência às experiências próprias dessa enunciação. Esse aspecto, em *A Invenção do Dia Claro*, delimita a fala do eu narrador no domínio da pessoalidade, da individualidade e da univocidade de uma criança.

Na segunda parte da narrativa “A viagem ou o que não se pode prever”, com o título Paris e eu, o autor escreve que foi a Paris, mas que ao tentar tirar seu documento para embarcar, ele se deparou com uma situação constrangedora por falar a verdade, então ele decidiu dizer as palavras que precisariam ser ditas:

*Um dia foi a minha vez de ir a Paris. Foi*

*necessário um passaporte. Pediram a minha profissão. Fiquei atrapalhado! Pensei um pouco para responder e disse a verdade: Poeta!*

*Não aceitaram.*

*Também pediram o meu estado. Fiquei atrapalhado. Pensei um pouco para responder verdade e disse a verdade: Menino!*

*Também não aceitaram.*

*E para ter o passaporte tive de dizer o que era necessário para ter o passaporte, isto é – uma profissão que houvesse! E um estado que houvesse! (NEGREIROS, 1984, p.165).*

Uma coisa impressionante é que quando perguntaram para ele sua profissão e ele disse que era poeta, não aceitaram esta como uma profissão. Mas então o que os Poetas falam quando lhes perguntam o que eles são?

Negreiros relata também que Paris é uma cidade como outra qualquer e nesta parte do texto ele diz que, “Em Paris é tudo de carne e osso”. (NEGREIROS 1984, p. 165), ou seja, tudo que tem em qualquer parte do mundo, também há em Paris. “– O Sacré-Coeur, o Sena e a Torre Eiffel – as casas, as pessoas, os domingos e os outros dias.” (Idem, ibdem, p. 165).

Almada fala também de liberdade que talvez ele tenha perdido ao chegar em uma cidade, cheia de liberdade, é como se estivesse sozinho no meio de muita gente.

Relata Almada Negreiros 1984, p. 166.

*Quando entrei na cidade fiquei sozinho no meio da multidão.*

*Em redor as portas estavam abertas.*

*A multidão estava naturalmente pelas portas abertas. Por cima das portas havia tabuletas onde estava colocada aquela palavra que sobe – Liberdade! Entrei por uma porta. Entrei como uma farpa!*

*Era uma ratoeira, Mãe! Era uma ratoeira! Se eu tivesse entrado como uma agulha podia ter saído como uma agulha, mas entrei como uma farpa, fiz sangue verdadeiro, já não me esquece. Aconteceu exactamente. Dei um mau jeito nos rins por causa da ratoeira! Ainda me lembro da palavra – Liberdade!*

Ele diz para sua mãe que entrou em um lugar e foi uma armadilha e que já não tem mais tanta liberdade naquela terra distante.

Na terceira parte da narrativa “O regresso ou o homem sentado”, Almada Negreiros escreve um poema “A Flor” de Henri Matisse e oferece ao Joaquim Graça.

O autor começa falando da criança que faz traços em um pedaço de papel e garante que são traços de uma flor, essa criança imagina que isso é aquilo que ela quer que seja.

Almada diz que;

*Eu próprio, apenas agora começo a saber recordar o que foram os meus desenhos de há dez e vinte anos, quando fiz uns traços em pedaços de papéis que guardaram.*

*Escuto estes desenhos como a um homem do campo que diz, sem querer, coisas mais importantes do que o que está a contar, e que põe tudo à mostra sem dar por isso. Através destes*

*desenhos sigo grafologicamente o meu instinto à espera da minha vontade, - a minha querida ignorância a aquecer ao sol e a transformar-se na minha vez cá na terra. (NEGREIROS, 1984, p.173).*

Almada em seu texto compara a ingenuidade de uma criança com a simplicidade e ignorância do homem do campo. Desta forma, entre narrativas de uma criança/homem, poesias e reflexões, *A invenção do dia claro* vai construindo um espaço para o leitor imaginar, sonhar e questionar suas vivências.

Assim, Almada Negreiros busca em sua prosa-poética retratar dois mundos: o mundo do adulto e o mundo da criança, que, na maioria das vezes, é esquecido pelo adulto.

O presente estudo tem por finalidade analisar os aspectos do desenvolvimento da criança, através do estudo do texto *A Invenção do Dia Claro* de Almada Negreiros. O referido texto estimula a imaginação do leitor, proporcionando a plena interação entre o processo de aprendizagem da leitura e o poder de evadir-se para o “mundo encantado”. O fascínio da leitura constitui um traço marcante da criação de Almada Negreiros. Seu texto, *A Invenção do Dia Claro*, mostra o resgate da criança que todo adulto carrega dentro de si, mas que muitas vezes está adormecida.

Somos uma sociedade que maltrata as crianças e despreza a felicidade do adulto. Com exigências extremamente cruéis impostas ao homem adulto, como o equilíbrio e a racionalidade, muitas vezes, supostamente adquiridos pela aniquilação da ludicidade e da fantasia. Por outro lado, sabe-se que o ser humano jamais será

plenamente amadurecido se renunciar às potencialidades imaginativas da fantasia. Assim, pressupõe-se que a construção de uma personalidade adulta, madura e feliz passa pela recuperação das capacidades lúdicas esquecidas ou negadas pelo homem durante a etapa de sua infância.

Neste sentido, o interesse e a escolha do tema relacionado ao resgate da criança esquecida pelo adulto apresentam-se com a perspectiva de resgatar valores que se perdem, e através da leitura proporcionar prazer e alegria às crianças, além de favorecer um desenvolvimento social de princípios básicos para que essas crianças tornem-se cidadãos cultos e realizados.

Para tanto, a leitura é um processo amplo, que envolve a produção do sentido. E é necessário, portanto, oferecer à criança leituras diversificadas e criativas de forma lúdica e prazerosa, que proporcionem a ela a compreensão do que está lendo e a assimilação com sua realidade e experiências pessoais, porque de nada adianta ler sem compreender. Deste modo, a criança que foi negligenciada pelo adulto pode dentro das páginas de um

texto descobrir o sentido da vida e das coisas.

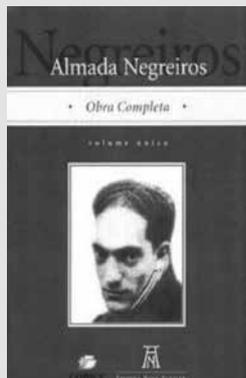
*A invenção do dia claro*, de Almada Negreiros, apresenta-se como um caminho a ser redescoberto durante uma possível releitura na atualidade. Identificar a criança que ficou soterrada no ser humano ao longo de todo o processo de racionalização pelo qual passou forçosamente o adulto, pode ser uma grande alternativa para nossa sociedade compreender e viver melhor com a ideia da fantasia. Assim, a obra retrata a criança que já cresceu e se tornou adulta e é obrigada a ter responsabilidades, e deixar a vida cheia de inocência, liberdade, e ludicidade, para dar início a uma nova etapa em sua vida. Mas que o adulto carrega consigo tudo o que lhe foi oferecido quando criança, mágoas para superar, ou sonhos a serem realizados.

Enfim, *A invenção do dia claro* é uma obra que nos leva a perceber que a leitura de forma atrativa, por meio da prosa e poesia, estimula o leitor ao ato de ler, além de mostrar que há variedades na forma de expressar a escrita e a fala.

*Priscila Borges Daher*

#### Referência

NEGREIROS, Almada. *Poesias Completas*. V. 1 - Lisboa Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.



José Sobral de Almada Negreiros foi uma figura ímpar no panorama artístico português do século XX. Romancista, pintor, teatrólogo e contista, um artista multidisciplinar que se dedicou fundamentalmente às artes plásticas e à escrita, ocupando uma posição central na primeira geração de modernistas portugueses, ao lado de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

Este volume traz a bibliografia, cronologia e uma amostra do acervo iconográfico do artista, além da obra completa do poeta. Volume Único, editora: Nova Aguilar, ano: 1997, ISBN: 8521000490.

## NO CAMINHO DA PROSA



### CLARISSE E OS PIRES

*Por Euler Moura*

Das lembranças mais intrigantes e divertidas que o Valentin, da família Pires, tinha de sua infância, era desse dia, em particular num piquenique, a sua predileta. Sabia que esse dia tinha qualquer coisa de extraordinário e apesar de não ter uma lembrança nítida, quando pensava nessa tarde, tinha a sensação de descoberta, do choque de dois mundos colidindo.

Estavam os quatro familiares reunidos, quatro pontinhos no gramado da quadra de frente para o monumental prédio da igreja. A praça estava cheia de vida, com várias outras famílias fazendo piqueniques. Ao longe, as ondas batiam calmamente na praia.

O Sr. Pires, um homem magro, alto, com a cabeça em formato estranho, meio pontuda. A Sra. Pires, uma mãe que não possuía muitas qualidades como tal, lembrava fisicamente uma bola de exercício dentro de um vestido de bolinhas. O Padre Pires também estava lá, tio de Valentin, com

a cabeça pontuda como a do irmão, com o diferencial de possuir um nariz mais aquilino, usava roupas sociais com a característica gola alta que os padres usam. E o próprio Valentin - a mãe agradecia que o garoto não puxara para o marido cabeçudo - com seus cabelos castanho-voadidos e seus shorts curtos que mostravam as canelas secas.

E como a maioria das crianças, era dotado de um espírito curioso inextinguível e inocentemente selvagem.

Enquanto os adultos saboreavam a comida meio sem graça, também conversavam sobre o clima, a mudança de tempo, sobre como hoje estava mais quente do que ontem. A maioria dessas coisas eram, obviamente, irrelevantes e sem sentido para as crianças - para qualquer um de nós, convenhamos. Pois bem, os adultos chateavam-se uns aos outros; uma briga mascarada de egos, principalmente entre os irmãos; e foi nesse momento que o pequenino saiu andando, sem que ninguém percebesse.

Não tinha um rumo certo. Veja de perto: crianças são dotadas dessa bússola interna que é altamente precisa. Elas não têm noção de pontos cardeais, porém a bússola sempre aponta para onde pode haver a maior ameaça nas proximidades. Crianças atraem naturalmente o perigo, pois não têm muita noção de medo, sendo quem são.

Os adultos, sentados sobre o gramado, continuavam a tagarelar. Apesar de suas diferenças, não se calavam, e sempre notavam um tópico findando, tentavam manter a conversa fluindo, dando sobrevida

a qualquer outra coisa que lhes viesse à mente. Agora a Senhora Pires comentava sobre o namorado da prima de quinto grau da funcionária que havia sido preso; assim, ignorando completamente o sumiço da criança. Valentin era dado a sumiços, que costumava ser seguido da preguiça dos pais em notarem a sua falta.

E Valentin atravessava a rua, o vento dos carros passando, bagunçando seu cabelo.

Diante da igreja, o pequeno Valentin era mais diminutivo. Um gramado recepcionava os visitantes e ia até quase adentrar na igreja. Um corredor de arbustos levava para as portas frontais e laterais. O chão diante das portas era todo sujo de terra batida. As paredes do lado exterior eram de pedras escuras, com pilastras brancas que imitavam mármore, em pontos específicos. No alto, na parte de trás, uma torre com sino - que não funcionava. E as portas duplas estavam abertas.

Por dentro, cheiro de antiguidade e pó se misturavam com o cheiro de produtos baratos de limpeza. O chão era mais desgastado na frente das portas, a madeira dos bancos tinha pontos pretos de mofo aqui e ali. As paredes mostravam manchas gigantescas de umidade, que eram visíveis até do lado de fora. Os vitrais com imagens de homens e mulheres santos estavam todos abertos, deixando o lugar bem ventilado. São João, São José, São Nicolau. As lâmpadas no teto eram daquele tipo tubular e formavam uma cruz - ou uma cruz de cabeça para baixo, dependendo do seu ponto de vista.

Então, passos ressoaram de algum lugar lá na frente do altar. Rapidamente, Valentin se deitou atrás do banco mais próximo. Agora, o grande salão estava vazio



de pessoas... (exceto pelo garoto e pela pessoa que saía da porta que levava para a torre do sino)

Os passos ecoaram pelo salão, *ploc ploc ploc*. Quando passaram em frente onde Valentin estava, ele só conseguiu ver saltos vermelhos e longas pernas cor de caramelo. Eles seguiram em frente, até pararem.

Valentin lentamente deixou seu esconderijo, e se esgueirou pelas paredes, tentando passar discretamente. Só conseguia ver que a pessoa estava de cabeça baixa. Engatinhou pelo chão atrás do banco dela, olhou para cima, e viu uma cabeleira. Uma piranha tentava falhamente prender a vastidão misteriosa de cabelos cacheados. A mulher falava baixinho e ele só conseguia ouvir alguns pedaços.

-[...] porque eu só sinto angústia, e nojo e sofrimento... e queria que isso tudo acabasse... que fosse tudo pro inferno... só que não dá, porque também tenho essa... *vontade*...

O nariz do garoto começou a coçar... coçar... coçar...

- *Atchin!*

-Eita Jesus!- a mulher gritou contidamente, levantando-se. Ela e Valentin se encararam por alguns segundos. Ele poderia ter corrido, mas não correu. Ainda olhava pra

ela, impressionado. Ela realmente era bonita, no sentido angelical da expressão. Era negra, usava uma maquiagem rosa pesada e desnecessária no rosto. Usava grandes brincos de argolas douradas, e estava dentro de um tubinho branco, com um grande decote de renda. Ela abriu um sorriso forçado, passando a mão no rosto várias vezes - Oi moleque!

- Oi...

- Que que cê tá fazendo aqui? - Valentin não respondeu.

- Tá sozinho? - Ele fez que sim com a cabeça.

- Vem cá, senta aqui. - Ela não precisou falar duas vezes.

- Como cê veio parar aqui? - Ele olhou pra trás, em direção à pracinha onde estava, então olhou para a moça, fez um biquinho e deu de ombros.

- Ah, saquei... - A mulher parecia bem jovem, não devia ter mais de 25 anos. Ela era uma pessoa atraente, apesar dos dentes meio separados. Estava cansada, já que trabalhara a noite inteira e ainda não tivera tempo pra descansar. Parou um segundo para pensar em sua situação, e se viu muito constrangida. Já frequentava o lugar há um tempo, mas sempre nos horários mais vazios, nunca havia sido pega, tecnicamente. E quando aconteceu, óbvio que tinha sido com uma criança. Clarisse não gostava de lidar com elas e sabia o que já tinha feito para seguir com esse estilo de vida. Sentia-se particularmente incomodada por estar ao lado de uma logo *ali*. O silêncio continuou, e nenhum dos dois ousavam se encarar. Várias coisas passavam na mente dela, enquanto olhava as paredes ao redor. Se esforçava para que o garoto

não percebesse que estava chorando. Um pouco de luz atravessava o vitral rosado, deixando os dois banhados em um espectro salmão, as bochechas de Valentin mais rosadas que nunca. Estar perto de uma moça bonita - seja lá o que isso significasse pra ele - também não ajudava. Era como se estar ali fosse um erro pelo simples fato dela ser tão linda de se admirar.

Após um longo tempo, Clarisse começou a assobiar a cantiga da moda, o que agradou o garoto. Ela viu que havia ganhado sua aprovação e soltou uma leve gargalhada. Cantarolou várias músicas baixinho - *“no meio das mentiras da cidade/ tentava ver o que existia de errado”*.

- E tu? Sabe cantar alguma coisa? - Ele cantarolou “Atirei o Pau no Gato” ainda mais baixo do que ela cantava. Depois, ela pegou a mão dele, e começou a brincar de “Esse Porquinho...”, o que arrancou altas gargalhadas de Valentin. Agora sim! Brincaram de imitar animais selvagens, de andar por cima dos bancos. Ela contou os números pra ele até chegar no 70 e cansar. Valentin havia decidido que ela era sua melhor amiga agora.

- Qual o teu nome, moleque?

-Valentin.

- Valentinho?

- Não, não. Valentin!

-Ah! O meu é Clarisse... Princesa Clarisse.

- Oi, Clarisse!

Os dois conversaram mais um pouco. Valentin mostrou-se uma matraca incontrolável, contando sobre suas férias na praia, seus colegas na escolinha, as idas à fazenda com os primos. Clarisse falou menos, mas contou sobre quando era uma garotinha, e pelo que Valentin entendera ela

morava numa montanha.

- Clarisse?

- Oi.

- O que tem ali? -Ele apontou para a porta de onde ela saíra horas atrás.

- Ah, é da torre lá.

- Que que você tava fazendo lá?

- É... Uns lances do trabalho.

- E como é seu trabalho?

Silêncio. Como ia explicar aquilo? Ela olhou ao redor, olhou, olhou. Seus olhos pousaram em um quadro de Maria Madalena trajada de roxo, de joelhos, reencontrando um Jesus revivido. Olhou novamente para o menino, que esperava a resposta. Abriu um sorriso ainda mais largo.

- Conhece o Bairro Céu Azul?

- Hm...Não...

- É lonjão daqui. Mó perigoso.

- E o que você faz lá?

- Eu...sou espiã lá.

- Ah.

- Eu lido com os caras maus, sabe?

- Aham.

- Eu sou uma espiã bem famosa, sabia?

- Eu queria ser espião. - Clarisse riu alto.

Os dois conversaram mais um pouco,



e ela ensinou adedonha pra ele. Estavam numa rodada com a letra S quando uma gritaria começou.

-Valentin! Valentin! - Os Pires entravam correndo pela porta principal, seguidos por alguns policiais.

- Manhê! - Ele subiu no banco e acenou pra eles.

Todos correram para lá. Como de hábito, demorara para a família dar pela falta do menino. Também não ganharam tempo quando um ficou jogando a culpa do sumiço no outro. Foi quando o Senhor Pires, o Padre Pires, e um dos Policiais notaram uma presença conhecida ali, e os três gritaram em uníssono:

- Clarisse!

- Conhece minha amiga nova, papai?



## Universo gamer, representatividade e romance

Se você gosta do universo gamer, **Conectadas** é um romance de Clara Alves pelo qual você vai se apaixonar. Com personagens eletrizantes e um enredo que desperta diversos sentimentos no leitor. Esse livro combina a intensidade dos relacionamentos com a representatividade feminina em uma união perfeita.



## A APOSTA

*Por Jhennifer Silva Carvalho*

Em 2008, mais ou menos no meio do ano letivo, entrou uma aluna nova na minha sala, ela se chamava Ana Ruth. Logo viramos amigas e junto com a amizade dela veio outro amigo chamado Welington. Eu já conhecia ele há um tempo, pois estudávamos juntos desde o começo do ano, mas nunca tínhamos parado para conversar. No entanto, como ela fez amizade com ele, uma coisa levou à outra, e assim, viramos os três melhores amigos.

Um dia a professora levou um livro novo para o cantinho da leitura que ficava no fundo da sala. O livro se chamava “Uma professora Maluquinha”, era daquele cara que escreveu o Menino Maluquinho. O livro tinha umas 300 páginas ou mais, era aquele tipo de livro que ninguém da sala se dispunha a ler, ainda mais na 4° série do fundamental, mas como eu e os meninos gostávamos de desafios então fizemos uma aposta: Welington e eu leríamos o livro, quem terminasse primeiro ganhava e a Ana era a juíza, mas só podia ler o livro dentro da sala. Se levasse para casa era trapaça.

Não me lembro muito bem qual era o prêmio, porque naquela época eu tinha 8 anos

e hoje faltam 4 dias para o meu aniversário de 18, mas acho que era chocolate ou quem ganhasse pagaria o lanche no mercadinho que tinha em frente à escola, não era coisa muito cara, afinal, éramos crianças, e eu, felizmente, sou da época na qual crianças, realmente eram crianças!

Começamos a ler o livro juntos, e todo dia cada um lia um pouco. Nisso já estava perto das férias de fim de ano, mas naquele tempo tinha uma coisa muito louca e muito boa chamada saída surpresa. Os melhores das turmas faziam as provas e entravam de férias primeiro, só saía uma vez nisso, mas já superei...

A Ana foi uma das sorteadas da nossa sala, e antes mesmo dela terminar todas as provas, ela foi pra sua terra natal no Maranhão, parece que sua avó estava doente ou algo do tipo...

Só que ela nunca mais voltou...

Welington e eu terminamos de ler o livro no mesmo dia e na mesma hora, estávamos sentados um do lado do outro, então ninguém ganhou a aposta. E a Ana... nunca mais tivemos notícias concretas.

Saiu uma conversa de que ela tinha morrido no rio perto de sua casa. Tinha pulado para salvar sua irmã mais nova de 2 anos que eu realmente não me lembro o nome... Acho que assim como eu, o Welington nunca superou esse breve episódio de nossas vidas, porque ela foi ou era, uma das melhores pessoas que já conheci na vida...

Esse mês faz exatos 10 anos que tudo aconteceu e até hoje não sei realmente o que procedeu do seu desaparecimento, e o Welington... Assim como eu, ele terminou o colégio ano passado e às vezes, o vejo por aí.

Um grupo de estudantes do Curso de Letras da Universidade de Gurupi (UnirG) criou o projeto “Relatos de Memórias”, com o intuito de registrar as muitas lembranças que estão na memória dos idosos que moram na Casa do Idoso de Gurupi.

Este livro traz uma coletânea de relatos de vida de 06 (seis) idosos. Os relatos foram colhidos por meio de entrevistas realizadas pelos estudantes, utilizando um questionário contendo perguntas que gradativamente induziriam os idosos a promoverem relatos da sua trajetória de vida, desde suas infâncias até a fase atual. Ouvindo suas histórias foi possível conhecer a realidade de muitos idosos, seus sonhos e experiências ao longo da vida.

O fato de ouvir os relatos de vida dos idosos e posteriormente retextualizá-los através de contos coloca em evidência o intercâmbio de práticas languageiras entre os interlocutores envolvidos. Ao passo que os idosos construíram suas narrativas orais, através dos diversos relatos de memórias, apresentando suas histórias de vida; por outro lado as acadêmicas envolvidas no projeto promoveram o devido registro para,



posteriormente, adequar tais apontamentos em forma de contos escritos, trabalhando assim a interação por meio da linguagem, além de colocar em evidência a prática dialógica interacionista entre os entes envolvidos no processo.



### VOCÊ SABIA?

*A Flor de Lis simboliza a profissão de Letras. Pelas três pétalas, ela representa a articulação entre três áreas: a gramática, a linguística e a literatura. O traço que junta cada pétala representa a união dos conhecimentos dessas áreas.*



## ONDAS DE POESIA

### ATARAXIA

*Morgana Alves*

Os raios de sol espreguiçavam-se na imensidão do céu.

As pálpebras pesadas diziam que já era dia,  
mas eu não queria sair dali, nem fugir dos braços  
daquele que tinha meu coração.

Ele pulsava de amor, em alguns momentos  
de puro desejo e rancor, eu não o culpava.  
A casa tão silenciosa não fazia referência  
ao espelho quebrado que estava no chão,  
uma noite difícil.

Pela manhã recebia rosas  
À tarde recebia gritos  
À noite recebia tapas  
Acontece algumas vezes

Depois do espelho quebrado e de duras ameaças  
ele fez confissões de amor,  
eram sempre as mesmas palavras.

Bebeu o que tanto gostava, mas com uma diferença.

Ao meu lado estava adormecido, calmo,  
quase angelical, estava morto.

## MORRO E VIVO

*Victória Regina Cavalcante*

A morte me parece poética  
Em meus devaneios eu vivo  
Em minha vivência, sobrevivo

Luto, rastejo em tortuosas memórias  
Que me engolem, devoram-me  
Jogam-me fora

Todos os dias, em todos os momentos  
Morro e vivo  
Renasço e apodreço

## MARULHO

*Felipe Oliveria Neves*

Ondas a quebrar  
Embalos para dormir  
Melodias a escutar  
Águas a fremir

Agitos do mar  
Sons calmantes  
Pensamentos a acalenta  
Devaneios relaxantes

## TEMPO

*Jeremias Pereira*

Eu tinha tanto tempo  
Que perdia tempo, falando de tempo  
Hoje não tenho mais tanto tempo.

E também não perco tempo  
Falando de tempo  
Foi tanto tempo que estou aqui escrevendo sobre tempo.

Tempo é tempo, e o tempo passa, o tempo voa!  
Quem perde tempo, nunca mais recupera o tempo  
Então não perca seu tempo



**CONVENIÊNCIA***Jhennifer Silva Carvalho*

E se por algum tipo de conveniência ao seu olhar,  
eu decidisse que já me bastei de tudo isso  
e resolvesse vir a faltar,

Partir sem olhar para trás... Bastaria?

Ou por um milagre ainda desconhecido  
e até mesmo insano você voltaria e me encontraria?

Pois, você sabe que apesar de não ter meu mapa  
e não saber todas as minhas rotas de fuga,  
conseguiria sim, encontrar-me se resolvesse procurar.

E se procurasse?

Será que me amaria ou insistiria nessa nossa amizade  
que por muitas vezes falha e machuca mais e mais,  
pouco a pouco a alma.

E que pôr sem querer maltrata a mente  
que és pobre e mal se defende...

Mas não penses loucuras ao meu respeito, não estou falando de fugir!

A palavra em si não me vem ao vocabulário  
quando leio ou escuto teu nome.

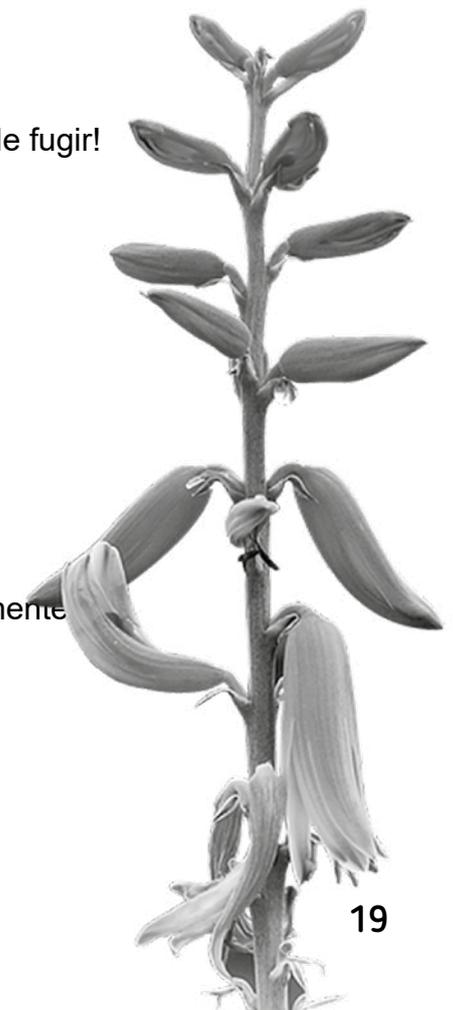
Estou apenas te dando um aviso que de longa data  
já venho me cansando e a vontade de partir está cada vez  
mais se materializando e me é doce...

Tão, que na maior parte do tempo me parece o melhor a fazer.

E por mim, não por você...

Esquecer que um dia, em uma manhã fria  
o destino fez sua trama e nossos caminhos se cruzaram novamente

Por isso fui muito tempo contente, mas agora não sei mais,  
pois me dói a alma uma vez ou outra  
e não sei se a cura existe para tal fato.



### UM FEIXE

*Alaenny Pires*

Havia a maior estrela em meus olhos.  
Um sol que se apagou no instante em que lâminas  
de palavras dilaceraram minha alma.  
Desde então, o meu olhar torna-te profundezas  
de um oceano, escuro e silencioso.  
Mas, um feixe de luz refletiu em um dos cacos  
do meu coração, iluminou minha estrada.  
Meu mar transbordou, flutuei  
com borboletas no estômago.  
O feixe de luz que tocou em meu último suspiro,  
tem um universo no sorriso, e resquícios  
da minha perspectiva em suas mãos.

### NÃO DIGAS

*Matheus Nunes*

Não digas nada,  
E deixei meu coração feliz,  
Feliz pela ilusão  
De não saber  
O que tu fez.

Não digas nada,  
Nem sequer uma oração,  
Talvez seja o certo  
Não odiar outra paixão.

Não digas nada,  
Pois há tantas coisas no silêncio,  
Há ternura, compreensão e compaixão.

Não digas nada,  
Apenas saía para outro lugar desconhecido.  
Há tanta simplicidade em apenas ir,  
Tanta coragem em apenas deixar o outro feliz.



**DAS COISAS DO LÁ FORA***Brunno de Sousa e Silva*

Quando o coração revoltado para  
Sem aviso, na morada da paixão  
Corre chuva sobre a casa da razão

Vão-se as chaves, as trancas  
As armas contra a prisão  
Do destemperado coração

E os olhos brancos esquecem  
“Das coisas do lá fora”  
Para tontear no passo ébrio da ilusão

Resta o martírio dos cachos cobertos de sol  
O sorriso que me ganha e que me guarda  
E o corpo dela feito esteira sobre as horas

No passo ébrio do insensato coração  
Perde-se tudo e tudo se encontra  
Num pequeno pedaço da perfeição

A beleza que salvará o mundo  
Revela-se diante dos teus olhos  
Tudo é belo na brevidade da paixão

Que tão breve se desfaz, como tão fácil se formou  
Se não encontra força maior que a sustente  
Depois do abrandar dessa primeira perturbação.



## TEORIA LITERÁRIA

# RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA, DE OSMAN LINS

*Maria Wellitania de Oliveira*

Retábulo Imaculada Conceição - Museu Diocesano de Santarém, Portugal



No conto *Retábulo de Santa Joana Carolina*, a articulação do foco narrativo é bastante complexa, baseia-se na multiplicidade de vozes no texto.

Inicialmente, a narração é feita de memória, mas o discurso se realiza no presente, pois é o presente da leitura dos fatos. Há, portanto, dois momentos distintos na narrativa: a narração da história e a descrição dos fatos. Em termos de processos narrativos, é a descrição que possibilita a narração. Embora os dois discursos apareçam entrelaçados harmonicamente, o uso dos tempos verbais permite dissociá-los e distinguir claramente descrição de narração. Numa passagem do texto, no segundo mistério, o narrador está descrevendo a cena na qual também é personagem e interpolando à descrição sua memória e narração dos fatos:

*É em novembro, quando mudava – e ainda mude talvez – a diretoria da irmandade das almas, Joana, que completou onze anos no mês anterior, olha para mim com as mãos espalmadas, nada sabendo explicar sobre o porquê do seu ato e espantada com as nossas opas verdes. Ao fundo algumas cruzeiras e um pé de eucalipto. (LINS, p.155).*

Ainda, no segundo 'mistério', o narrador prevê o futuro de Joana dentro de alguns anos, usando a 3ª pessoa do discurso para narrar, isto é, a voz narrativa está fora dos eventos que narra:

*Por esse mesmo lugar, daqui a muitos anos, Joana haverá de passar, à noite, segurando a pequena mão de*

*Laura, sua filha, que estremece de medo, fascinada, vendo no cemitério os fogos-fátuos, mesclado esse terror a uma alegria que impregnará sua memória, por causa do odor de café, de pão no fogo, que se desprende das casas do arruado, ao entardecer, como um barulho de festa. (Idem, p.156).*

O narrador, nesta passagem, usa a 3ª pessoa do discurso para narrar. Ele demonstra ter conhecimento de toda a história. Embora não participe do conflito dramático nem da história narrada, apresenta voz tão próxima às vozes do interior da narrativa que, muitas vezes, parece que vive o episódio com elas. Desse modo, considerando o papel essencial que tem na obra literária, o narrador estrutura o texto discursivo e atua como mediador no ato de produção da narrativa, definindo-se como **heterodiegético**. Está fora da história que conta, mas conhece tudo sobre o personagem protagonista e sobre os secundários, portanto, é onisciente e coloca-se numa posição de transcendência: "Joana carece de divertimentos. Não faz muitas semanas, descobriu duas coisas que não custam dinheiro e lhe causam prazer: acompanhar enterros de crianças; um ninho de escorpiões, no fundo do quintal." (p. 156).

No terceiro mistério, a história é narrada por um dos filhos de Joana. Ele utiliza-se dos verbos no pretérito, quando se refere ao pai; no futuro para indicar o que acontecerá a ele, à Joana e seus irmãos; e no presente para indicar o momento em que narra os fatos. Segundo Reuter, esta combinação é uma característica das autobiografias, dos relatos em que o narrador conta sua

própria vida retrospectivamente. Sabe de cada uma das etapas anteriores de sua vida e pode prever o que acontecerá no futuro. Este é um narrador **homodiegético**, com perspectiva, passando pelo narrador. Vejamos um exemplo:

Y *Nosso pai gostava de animais. Ensinou um galo-de-campina a montar no dorso de uma cabra chamada Gedáblia, esporeando-a com silvos breves. Eu e Nô apanharemos essa inclinação e, de certo modo, por causa disto é que, daqui a anos, quando nossa mãe, ele já morto, estiver penando no Engenho Serra Grande, partiremos no mundo à procura de emprego, deixando-a com Teófanos e Laura, nossos irmãos mais novos, ainda não nascidos. Depois a tiraremos do Engenho, de volta para a cidade. Por agora, somos dois meninos deitados em folhas de bananeiras, nossa mãe curvada sobre nós, atiçando o fogareiro com alfazema.* (Idem, p.159)

Gérard Genette em *Discurso da Narrativa*, (1972), distingue vários tipos de narrador, mediante o seu lugar na diegese. O narrador **autodiegético**, segundo ele, é aquele que narra as suas próprias experiências como personagem central dessa história. No sexto mistério, o narrador apresenta-se na voz do filho do dono da fazenda onde Joana lecionava. O mesmo narra sua intervenção na ação como protagonista na diegese:

*Pareço-me bem mais com o diabo, do que com gente. Vade retro. Não era assim que me achavam as mulheres.*

*Vara de pescar no ombro, feixe de peixes nas mãos, olho para Joana com o olho de ver fundo de rio. Barba pontuda, abas do chapéu levantadas de um lado e outro da cabeça, a modo de chifres. Aterrador, um mau. Eu não era assim.* (Idem, p.166)

Esse narrador é classificado como autodiegético. Também, no mesmo 'mistério', há uma mudança brusca de narrador, ora os fatos são narrados em primeira pessoa, ora em terceira. Porém, o que chama a atenção no processo narrativo do conto é a forma como ocorrem as mudanças de um nível para outro – na narratologia, essa mudança de nível, dentro da composição do texto, é denominada metalepse. Tal como afirma Genette (1972, p.243), “a passagem de um nível narrativo a outro não pode, em princípio, ser assegurada pela narração, ato que consiste precisamente em introduzir numa situação, por meio de um discurso, o conhecimento de outra situação”.

No caso de *Retábulo de Santa Joana Carolina*, a metalepse é autorizada pela capacidade do narrador autodiegético em transitar entre formas de discurso específicas e, aparentemente, contraditórias: o relato pessoal do narrador e o discurso reflexivo sobre Joana.

Assim, é através desse movimento de níveis narrativos que se delimitam as fronteiras da escrita em *Retábulo de Santa Joana Carolina*. O texto não apresenta nenhum registro que anuncie a mudança de um nível a outro, o leitor precisa estar atento à leitura para compreender o posicionamento do narrador diante da história narrada. Desse modo, na medida em que a narração

transita entre vários registros, sem anunciar a mudança de um para outro, cria-se um constante espaço para dúvidas. Porém, deve-se ressaltar que essa mudança de perspectiva não é prejudicial, ao contrário, provoca a multiplicidade e a potencialização de interpretações.

Na maior parte dos ‘mistérios’, é por meio do discurso direto e do indireto-livre que o narrador faz com que as cenas sejam focalizadas sob a ótica dos personagens. Às vezes, a voz do narrador se confunde com a do personagem protagonista, estabelecendo-se, assim, estreita sintonia com a estrutura fragmentária do conto.

As várias visões do texto vão se justapondo ao longo da história através do narrador, que ora parece assumir o ponto de vista do personagem, manifestando-se como intruso, registrando posições ideológicas, ora abre espaço para o narrador onisciente neutro. Assim, vão se acumulando flagrantes, aparentemente desconexos, que registram

o cotidiano dramático de Joana Carolina.

Desta forma, observa-se através da narrativa de Osman Lins, a importância de desvelar os elementos constitutivos das narrativas, pois são como fios que se entrecruzam e geram sentidos. Em outras palavras, eles não podem ser dissociados, pois um complementa o outro. Constata-se ainda que, no texto de Osman Lins, esses pontos perspectivísticos se entrelaçam e oferecem, através dos pontos de vista presentes neles, a elaboração de diferentes visões por parte do leitor.

Finalmente, percebe-se que Osman Lins, neste conto, constrói uma forma definida de organização dos elementos estruturais e temáticos, uma vez que, outros contos escritos por ele apresentam características similares. No caso da construção do narrador e da focalização, percebemos uma desconstrução das normas tradicionais. Isto é, há uma multiplicidade de vozes no interior da narrativa.

#### Referências

LINS, Osman. **Melhores Contos de Osman Lins** / seleção e prefácio de Sandra Nitri. São Paulo: Global, 2003.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: O texto, a ficção e a narração/Tradução M. Pontes** – Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega.



## VOCÊ SABIA

*O Pequeno Príncipe* é o livro mais traduzido em outros países. De acordo com uma pesquisa literária divulgada em 2021, a obra infanto-juvenil de Antoine de Saint-Exupéry foi traduzida em 382 países. Publicado em 1943, *O Pequeno Príncipe* narra a história de um príncipe que faz amizade com um piloto que sofreu um acidente no meio do deserto. Com ilustrações em aquarela feitas pelo próprio autor, o livro aborda temas universais como o amor, a amizade e o sentido da vida. A obra tornou-se um dos maiores sucessos de todos os tempos, sendo o livro francês mais lido no mundo.

## ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Chame-me de Jack. Venho de uma cidade com um nome tão estranho quanto o meu próprio. Nasci em Apucarana, no norte do Paraná, há muito, muito tempo atrás, em 1975. Sou o caçula de 6 irmãos, inclusive tenho irmãos que são gêmeos (não-idênticos, claro). Meu pai, senhor Hermínio Barbosa, faleceu quando eu tinha apenas nove anos. Tudo o que ele



deixou foi uma foto desbotada, antiga, em preto e branco, tirada por um amigo enquanto ele trabalhava na obra. Eu tenho um pai em preto e branco. Meu pai era semianalfabeto.

Minha mãe, dona Guiomar Machado, também. Mas ela sempre prezou pela educação dos filhos. Apesar de nunca ter estudado em uma escola, aprendeu com os irmãos a escrever e a ler de forma simples. Acho que isso fez com que ela valorizasse a educação dos filhos. Sempre nos levou a pé até a escola, antes de ir para o trabalho. Sempre cobrou as tarefas, nunca deixou que faltássemos à escola, mesmo sob a chuva torrencial ou ligeiramente doentes. Nunca reclamou um dia sobre essa tarefa de nos levar à escola. E aí de alguém de nós que pensasse em faltar. Seu esforço foi parcialmente recompensado. Todos estudaram até terminar o Ensino Médio. Não tenho professores nem educadores na família. Sou o único na família com um curso superior. Nas palavras de Renato

Teixeira, “meus irmãos perderam-se na vida à custa de aventura”, trabalhando aqui e ali e formando suas próprias famílias. Um deles faleceu em 2002.

Interessei-me por música desde cedo. Com 7 anos, entrei para o coro das crianças da minha paróquia, do qual fiz parte por 6 anos (obs.: ainda não sei cantar direito).

Também não tenho músicos na família. O violão apareceu na minha vida em 1989, quando eu tinha 14 anos e um dos meus irmãos voltou do seminário com um. Ele estragou. Uma prima me emprestou o violão dela. Eram outros tempos. Sem Internet, sem acesso a professores ou qualquer forma de instrução, tive que aprender a tocar violão sozinho mesmo. Achava que tocar violão atrairia as meninas (nunca deu certo, mas essa foi a motivação de que eu precisava; nada nessa vida se faz sem motivação). Sou autodidata em vários outros instrumentos também (como diria Millôr Fernandes, “um autodidata é um analfabeto por conta própria”).

Eu mesmo acabei me tornando professor como vítima das circunstâncias. Quando concluí o Ensino Fundamental, comecei a trabalhar, aos 16 anos, como piso de fábrica. Fui passando por vários empregos, sem nenhuma expectativa, até que uma colega de trabalho me falou sobre a Educação de Jovens e Adultos, ideal por ser um

processo rápido, para quem quisesse concluir estudos atrasados. Gostei da ideia, concluí o Ensino Médio rapidamente e outra amiga me fez o convite para prestar o vestibular para Letras. Fui aprovado e ingressei na Faculdade em Jandaia do Sul – FAFIJAN, em 2000, no Curso de Letras – Inglês. Minha graduação veio em 2002.

Durante a graduação, conheci a Academia Washington em Apucarana e imediatamente consegui um bom desconto para estudar inglês. Sempre quis falar inglês, sempre quis viver nos Estados Unidos. Sou um norte-americano nascido no sul do Brasil.

Comecei a atuar como professor imediatamente após minha graduação na faculdade e no curso de Inglês. Meu mestrado também veio por acaso. Minhas alunas de inglês iriam fazer a prova de mestrado e sugeriram que eu tentasse também. Entrei no Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em 2004. Minha defesa foi em 2006. Claro que meu trabalho envolvia o ensino de línguas e a música. Estudei inglês, espanhol, italiano e, mais recentemente, francês. Não pretendo lecionar espanhol. Começarei a lecionar francês na Academia Washington, a partir de 2023.

Como vim parar em Gurupi? Em 2007, outra amiga, professora Carla, que trabalhou comigo

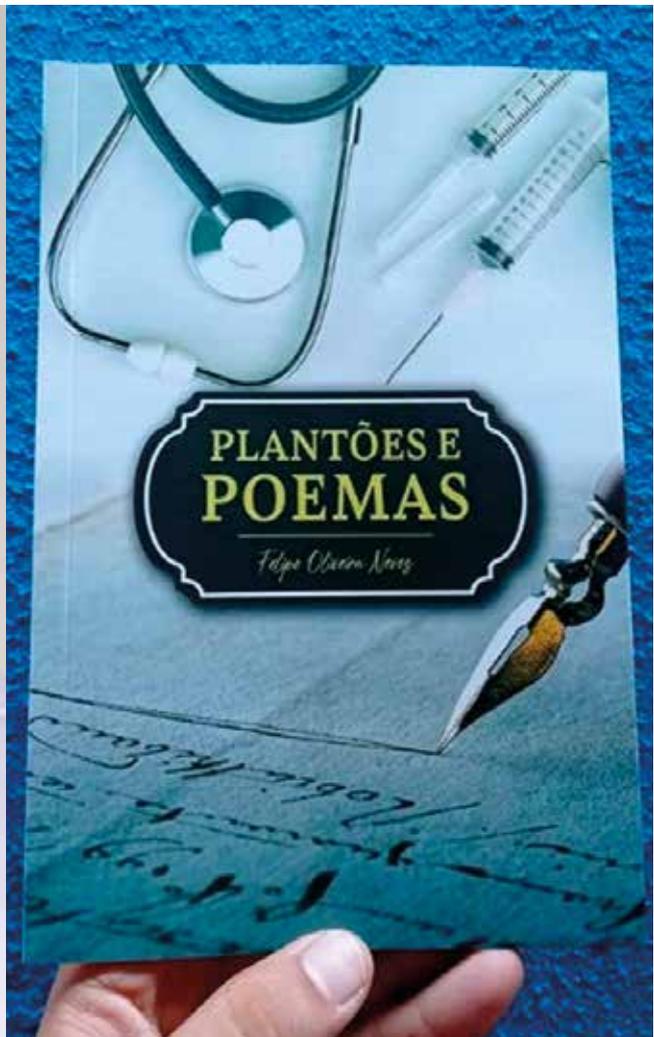
em Apucarana e morava em Gurupi, me ligou dizendo que a Unirg precisava de professores de língua inglesa. Conversei com a coordenadora, na época, professora Deice Pomblum e aceitei fazer a banca imediatamente. Teria que começar em duas semanas. Isso me faz lembrar que estou em Gurupi há 15 anos. Atuei como professor de Língua Inglesa, Linguística Aplicada e Literatura Inglesa e Norte-americana até 2014. Fiquei afastado até 2021, quando retornei para mais uma temporada na Instituição. Acho que é um ciclo de 7 anos que se repete.

Desde 2009, sou diretor e professor da Academia Washington Gurupi, onde levo adiante a missão de ensinar inglês. Na verdade, digo que sou um músico que foi emprestado às letras e jamais devolvido. Sou casado há 22 anos, e minha esposa Cássia é a principal responsável por me incentivar em absolutamente tudo o que eu faço, inclusive vir para uma cidade totalmente desconhecida para nós, em um estado completamente diferente do nosso. Só para constar, se fosse para ser outra pessoa, eu queria ser o Oswaldo Montenegro. Toco instrumentos, escrevo poemas e ensino idiomas. Curto rock antigo, blues, jazz, juventude, MPB e rock Brasil dos anos 80. Nas horas vagas, jogo futebol, claro! O Chico Buarque também.



ENTREVISTA

# FELIPE NEVES



Médico há anos, Felipe Oliveira Neves é anestesiológico e escritor. Natural de Alfenas, MG, tomou gosto pela literatura ainda muito jovem, mas só lançou seu primeiro livro em maio, deste ano, *Plantões e Poemas*, pela editora Kelps, praticando o exercício da medicina e das palavras.

**RL – Quem é Felipe Neves?**

**FN** - Sou mineiro de Alfenas, MG, médico anesthesiologista e escritor. Eu saí de Alfenas com 9 meses, voltei com 16 anos, fiz a Pós de residência em São Paulo, depois passei um período fora do país, em Barcelona, em sequência, fui para o Mato Grosso, onde trabalhei na minha área de medicina e fui mexer com agricultura, após, a convite de um colega de residência de São Paulo vim para o Tocantins, fiquei pouco tempo em Palmas, indo para Miracema, por dois anos, e logo chegou o convite para vir para Gurupi.

**RL – Como você entrou para docência?**

**FN** - Quem me inseriu no desejo da docência, foi a UNIRG, tanto que sou professor no curso de Medicina. Mas, também na situação que me encontrava com minha família, na cidade do interior, eu queria vir para uma cidade maior. Em Gurupi, eu tive espaço para trabalhar como médico e, logo depois, surgiu a oportunidade de ministrar aulas e entrei na UNIRG. Então, resolvi ser professor, pois eu sempre gostei da docência, sempre vislumbrei a docência, e quando cheguei fui bem recebido.

**RL – Entre ser professor e médico, o que lhe dá mais prazer?**

**FN** - Primeiro veio a vontade de fazer medicina, sempre tive influência, os professores da medicina sempre me influenciaram, mas sempre admirei a profissão de professor. Às vezes, eu me acho mais docente do que médico.

**RL – Entre a docência e a medicina, qual tem peso maior na sua prática?**

**FN** - A medicina não tem um peso maior, toda a sua profissão tem seu lugar, seu peso. A única coisa é que a medicina tem

uma ligação diretamente com o corpo humano. Como docente, eu procuro transmitir muito mais experiência aos meus alunos e conhecimento, pois a medicina é sabedoria, para que amanhã eles tenham menos dificuldades nas situações diversas que podem surgir durante a vida deles, eu tive muito isso na faculdade, pois meus professores me ensinaram muitas coisas que não estavam escritas e que eram muito importantes.

**RL – Como foi o seu início no meio literário?**

**FN** - Quando eu comecei a conhecer os livros de literatura, quando pude ler Machado, Clarice Lispector e outros autores nacionais, esse foi o meu primeiro contato, meu primeiro conhecimento.

**RL – Qual sua preferência, prosa ou poesia?**

**FN** - Poesia, poesia me encanta, tem uma áurea, uma leveza, nada contra prosa, mas a poesia me encanta.

**RL – Você tem alguma referência literária, algum escritor no qual se inspirou?**

**FN** - Machado de Assis. Ele para mim é a melhor referência da literatura Brasileira. Eu gosto daquela coisa da incógnita, ele faz com que não soltemos o livro enquanto o livro não acaba. Já na poesia, Fernando Pessoa para mim é uma pessoa plena, na plenitude.

**RL – Você entrou recentemente para a Academia Gurupiense de Letras – AGL. Quais seus planos como acadêmico?**

**FN** - Eu vejo como uma responsabilidade muito grande, ser membro de uma instituição como a Academia Gurupiense de Letras. E pretendo realizar ações de incentivo aos jovens para leitura literária, porque hoje está

muito difícil envolver a nossa juventude, com a internet, com os meios que afastam os jovens da literatura, e o nosso país já é conhecido por ler muito pouco. Então, o meu intuito é de somar, de trazer novas ideias de renovação e escutar experiências dos mais experientes na Academia e levar a Academia de letras a um novo patamar.

**RL – Qual cadeira você ocupa na AGL? Você conheceu o patrono dessa cadeira?**

**FN** - Cadeira número nº30, que tem como patrono Emerson Leitão do Amaral. Já li os livros dele e vejo que é uma responsabilidade muita grande ocupar uma cadeira que tem uma pessoa com a envergadura dele, com a história que ele tem dentro da cidade de Gurupi e dentro do estado do Tocantins, essa responsabilidade só aumenta, tem que dar continuidade com a mesma dedicação que ele teve.

**RL – Como foi o processo de criação do seu primeiro livro, *Plantões e Poemas*?**

**FN** - Esse livro é o primeiro, que veio numa fase muito boa da minha vida, uma fase plena em realização profissional, realização da vida pessoal, os astros se alinharam, floraram e eu escrevi poesias, o mais interessante é que a maioria dos poemas foram escritos nas madrugadas e nos

plantões do hospital. Entre os poemas, gosto muito do poema denominado “Machado”, que foi uma inspiração muito boa.

**RL – Em suas poesias, percebemos um tom de historiador, você gosta de história?**

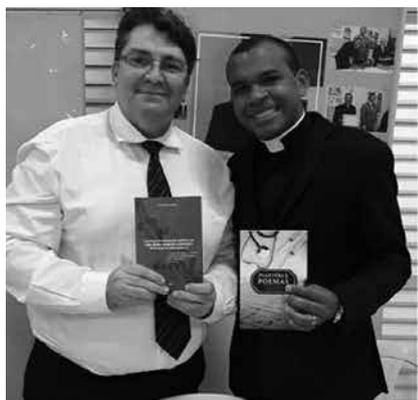
**FN** - Sim, eu gosto muito de história, tenho lido muito sobre história do estado do Tocantins, que acho que é muita didática e tem seus desmembramentos, mas a história é só uma, então, eu tenho estudado e lançarei um livro sobre a história do Tocantins.

**RL – Que outros sonhos você tem, de realização?**

**FN** - Eu sou uma pessoa plenamente realizada, tanto que sou temente a Deus e a única coisa que peço a Deus é que eu tenha saúde, que eu possa ver meus filhos crescerem, e sou eternamente grato a Ele por tudo.

**RL – Que mensagem você deixaria para juventude de hoje?**

**FN** - Acho muito importante a leitura, ela é a base de tudo, as letras são muito importantes, penso que os jovens nunca devem esquecer dos seus sonhos, os caminhos na grande maioria são árduos, são difíceis, mas se eles se dedicarem, lerem, adquirindo cultura, letramento, eles chegarão longe.



## PRODUÇÃO ACADÊMICA

# O LUGAR DE FALA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

A escrita de Conceição Evaristo e o lugar de fala

*Por Ilcemara Regina Iensen Farencena*

Segundo Regina Dalcastagnè, a literatura brasileira é um território contestado, já que nele está em jogo a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo e de se fazer visível dentro dele, daí entendermos a busca de espaço e poder, poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala, isso explica o desconforto causado pela presença de novas vozes não autorizadas que começaram a fazer parte da produção literária que até então era produzida pela classe dominante para a classe dominante.

A explicação mais evidente para essa inquietação é que o acesso das classes populares aos meios de produção discursiva sempre foi relegado, por seus representantes não atenderem a determinados requisitos socialmente impostos e a exclusão dessa parcela não é um fenômeno intrínseco à literatura, mas comum a todos espaços de produção de sentido. Essa percepção é reforçada quando a autora afirma que o espaço literário brasileiro ainda é homogêneo, por privilegiar um determinado grupo social e excluir os demais de participarem como agentes sociais capazes de falar de si e do mundo que os rodeia, isso

pode ser comprovado através dos números:

*...entre os anos de 2006 e 2011 foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher, na categoria estreadante, do Prêmio São Paulo de Literatura... mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e São Paulo. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 08)*

Esses dados comprovam que a tensão existente no meio literário está diretamente ligada à presença de autores ou autoras que contrapõem o perfil fixado pela tradição literária e a necessidade de reafirmar a legitimidade de sua própria construção e representação, o que incita constantes questionamentos no âmbito do fazer literário contemporâneo. Essa questão é abordada por Leyla Perrone Moisés, em 'Inútil poesia e outros ensaios breves', quando ela diz que a principal discussão teórica que se trava atualmente é em torno do cânone devido:

*A desconstrução do Centro e dos*

*princípios em que se baseavam o estabelecimento e a defesa do cânone abriu caminho para as propostas de revisão baseadas em critérios extraliterários: reivindicações de grupos (as chamadas minorias). (PERRONE, 2000, p. 340)*

Conceição Evaristo é uma escritora que se encaixa nesse novo perfil, contrapondo ao cânone literário e dando voz a grupos marginalizados socialmente. Ela própria afirma ser o ato de escrever um ato político, falar por alguém, além de ser uma maneira de subverter o imaginário brasileiro, no qual a mulher negra e pobre ocupa papéis que passam longe da escrita, por isso, a ficção, para ela, é indispensável à sobrevivência e também uma forma de sublimar a realidade. Conceição Evaristo, de origem pobre, teve que conciliar estudo e trabalho.

Moradora de uma favela em Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro, passou no concurso público para o Magistério, formou-se em Letras, na UERJ, militante e ativista do movimento negro. Teve suas primeiras produções editadas em 1990, através do coletivo 'Quilombhoje', autora de vários livros, ganhou vários prêmios e reconhecimento internacional, sendo homenageada na Europa.

Sua escrita revela a desigualdade velada na sociedade e a recuperação de uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e potencialidade. Essa tendência presente na narrativa de Conceição Evaristo vai ao encontro com as discussões tecidas por Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo*, quando ela diz que uma das características da produção

pós-moderna é questionar os sistemas centralizados, totalizados, hierarquizados e fechados e que isso é resultado da experiência política, social e intelectual dos anos 60.

*...muitas vezes as discussões literárias sobre o pós-modernismo parecem excluir obra das mulheres (e muitas vezes, poder-se-ia acrescentar, também a dos negros), embora as explorações realizadas por mulheres (e negros) na forma narrativa e linguística tenham figurado entre as mais contestadoras e radicais. (HUTCHEON, 1991, p. 26)*



A percepção de Linda Hutcheon é reforçada por Regina Dalcastagnè, quando ela diz que a escritora Conceição Evaristo destoa do perfil dos escritores consagrados e representativos da literatura brasileira. Daí entendermos porque sua legitimidade e presença são constantemente questionadas pela crítica literária, o que reforça a carência na narrativa brasileira contemporânea de representantes das classes populares, tanto como produtores quanto personagens

representativos delas.

Para Djamila Ribeiro, autora do livro 'O que é lugar de fala', o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Por isso, para ela o lugar de fala pode ser visto como um meio de refutar o que foi determinado hierarquicamente além de mostrar que essa hierarquização dificulta a possibilidade de transcender nesse meio.

Tudo isso se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valoração negativa da cultura dominante. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19)

A participação em espaços de produção de sentido na sociedade de escritores como Conceição Evaristo traz para discussão o papel do escritor contemporâneo que parece estar motivado por uma grande urgência de se relacionar com a realidade histórica, porém, consciente de que está impossibilitado de captá-la na sua especificidade atual. Karl Erik, em *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009), vê a literatura como um caminho que pode se relacionar e interagir com o mundo nessa temporalidade de difícil captura e isso faz com que a maneira realista de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva seja um traço característico do escritor contemporâneo.

Sendo o escritor, segundo Barthes (1999, p.33) o que fala no lugar do outro e a literatura uma forma de representação, surge o questionamento de quem é esse outro e qual sua posição social. Nessa perspectiva,

ganha espaço para discussão nos estudos literários atuais o reconhecimento e a representatividade social e política dos grupos socialmente marginalizados. Dalcastagnè reforça essa consciência de representação quando ela diz que:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17)

Ainda a autora vê como crucial a autenticidade e a legitimidade dessa representação e evidencia a voz que representa o grupo na produção literária. Segundo ela, o fundamental não é apenas garantir o espaço de fala, preconizado pela liberdade de expressão, mas a possibilidade de “falar com autoridade”, isso possibilita o reconhecimento e inclusão no campo literário de um grupo socialmente estigmatizado.

Segundo Conceição Evaristo, suas personagens centrais nascem profundamente marcadas pela condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira. “Pois é do cotidiano das classes populares que retiro o sumo da minha escrita. É desse meu lugar, é desse de “dentro para fora”, que minhas histórias brotam”. Daí entendermos a rejeição de certos grupos em espaços demarcados socialmente, já que estão inseridos num lugar onde suas humanidades não foram reconhecidas, em especial a mulher negra.

Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos

importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias. (RIBEIRO, 2017, P.75)

A percepção de Djamila Ribeiro é importante para entendermos o conceito de lugar de fala não apenas como uma forma de manifestação discursiva e representativa de um grupo, mas como ferramenta política com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva.

A questão de representação do outro ganhou evidência no meio literário quando escritores modernistas regionalistas incluíram a fala dos marginalizados nos seus textos, representada pelos personagens ou narradores.

Hoje, o foco da literatura brasileira contemporânea está voltado para o meio urbano, especialmente, para os problemas que rodeiam os habitantes da cidade. “Daí, a necessidade de se olhar o espaço urbano também pelo ângulo daqueles que estão impedidos de se mover... ocupar um espaço é sinônimo de se contentar com os restos – as favelas, a periferia, os prédios em ruínas”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 120)

Ainda sobre a narrativa atual, Antonio Candido diz que os escritores contemporâneos tentam “apagar as distâncias sociais”, através da identificação com o popular, o que na visão dele, ajuda a construir um painel mais plural sobre a

sociedade brasileira nos dias de hoje.

Ainda sobre o escritor contemporâneo, Regina Dalcastagnè faz referência ao modo como os escritores interferem na narrativa, principalmente, com o intuito de salientar a presença daquele que fala, seus dramas, suas experiências, representativos de homens e mulheres, e sua existência no espaço urbano, espaço esse visto como parte constitutiva da personagem, já que é um elemento que pode tanto definir as personagens como também suas relações com o meio.

A autora, em sua obra “Espaços possíveis”, faz a seguinte observação: “... esses seres confusos que preenchem a literatura contemporânea, habitam um espaço não menos conturbado. Um espaço que se estreita ou se alarga de modo igualmente sufocante”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 109)

Ainda em relação ao espaço, a autora fala da possibilidade de deslocamento dos personagens, evidenciando que personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão praticamente em extinção na literatura brasileira contemporânea, isso porque o espaço que permeia o enredo é essencialmente urbano, sendo a cidade não apenas o meio onde se desenrola a ação, mas um agente determinante de significado e extremamente relevante na narrativa.

### Referências:

- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- HUTECHÉON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PERRONE-MOISES, Leila. **Que fim levou a crítica literária?** In: Inútil poesia e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.



## PROMOVENDO LETRAMENTOS (MÚLTIPLOS): POR UM ENSINO DE LÍNGUA MATERNA RESPONSIVO À CONTEMPORANEIDADE

*Lucas dos Santos Costa<sup>1</sup>*

Os Novos Estudos do Letramento (*New Literacies Studies*, NLS), vertente científica inaugurada por Street, na década de 80, consolidada nos anos 1990 e amplamente difundida por Angela Kleiman no Brasil, consideram o letramento, por um viés sociocultural, sociológico e antropológico. Têm em conta que esse fenômeno abrange práticas de linguagem desempenhadas com utilização da escrita e leitura e que são valorizadas ou não na sociedade, em culturas locais ou globais, em contextos sociais variados, como profissional, escolar, religioso, familiar, midiático etc. Desse modo, o caráter do letramento desloca-se do

[...] **foco dado à aquisição de habilidades, como é feito pelas**

*abordagens tradicionais, para [então,] se concentrar no sentido de pensar [...] [esse fenômeno] como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando no tempo e no espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas. Os NLS, portanto, não tomam nada como definitivo no que diz respeito ao letramento e às práticas sociais a ele relacionadas, preferindo, ao contrário, problematizar o que conta como letramento em um espaço e tempo específicos e questionar quais letramentos são dominantes e quais são marginalizados ou resistentes (STREET, 2003, p. 77, grifos meus).*

Nessa perspectiva, a abordagem dos NLS propõe a divisão entre dois modelos de letramento: o **autônomo** e o **ideológico**, concentrando-se nesse último.

O modelo autônomo predominante na escola, como define Street (1993, p. 5), tem o letramento visto em “[...] termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas consequências para a sociedade e a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca”. Esse enfoque, psicológico e neutro, recai nas competências e habilidades cognitivas e linguísticas individuais e universais, valorizadas socialmente e, sobretudo, desenvolvidas nos contextos (e letramentos) escolares e acadêmicos, com as quais os sujeitos, ao usarem a leitura e a escrita e pelo próprio caráter dessa última, passam por estágios de desenvolvimento universais ou níveis de alfabetismo, de acordo com Rojo (2009).

Em contrapartida, o modelo ideológico concebe as “[...] práticas de letramento como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos” (STREET, 1993, p. 7). Assim, o letramento é visto como heterogêneo, sendo entendido como ‘letramentos múltiplos’, que têm características peculiares, sentidos e valores sociais diferentes e oportunizam poderes distintos, em cada tempo, em cada cultura ou dentro dela mesma. Assumindo esse modelo, os NLS têm reconhecido a pluralidade e complexidade de práticas de uso linguístico desempenhadas por grupos e sujeitos, com a escrita e a leitura, situadas em sociedades diversas, geralmente, letradas e culturas diferentes.

Rojo (2009, p. 108-109, grifo meu), ao falar

sobre o conceito de letramentos múltiplos, o entende como complexo e, muitas vezes, ambíguo, por envolver,

*[...] além da questão da **multissemiose** ou **multimodalidade** das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a **multiplicidade de práticas de letramento** que circulam em diferentes esferas da sociedade e a **multiculturalidade**, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente.*

A estudiosa parece equivaler o entendimento de letramentos múltiplos ao de multiletramentos, quando apresenta letramentos múltiplos abrangendo os fenômenos da multimodalidade e multiculturalidade, enfocados no conceito de multiletramentos. Contudo, ao abordar, com maiores detalhes, a *Pedagogia dos multiletramentos*, Rojo (2012) define que enquanto a concepção de **letramentos múltiplos** aponta para a multiplicidade de práticas letradas, sejam valorizadas ou não socialmente, a de **multiletramentos** (como se vê ao final deste texto) aponta para duas multiplicidades referidas anteriormente e que têm se tornado mais evidentes, principalmente, no meio urbano contemporâneo: a **multiculturalidade** das populações e a **multimodalidade/multissemiose** de textos que comunicam a primeira, os quais são de gêneros presentes nas diversas mídias audiovisuais digitais ou não, bem como em impressos.

Entendemos que as práticas e eventos de letramentos são tão variados como são plurais os contextos sociais, as comunidades e as culturas. O ensino escolar não pode ficar alheio a essa realidade, isto é, deve ser responsivo

a ela, *letrando* o aluno. Criar condições para que isso aconteça significa, segundo Rojo (2010), criar eventos com atividades de leitura e produção de textos escritos dos diversos gêneros ou que promovam o trato prévio com esses, em atividades que envolvam oralidade, como seminários, apresentações teatrais, telejornais etc. Dessa forma, pode-se colocar o aluno em contato com práticas de leitura e escrita que sejam relevantes na sociedade e as quais ele ainda não domina.

Para que isso ocorra, é preciso que no ensino escolar, inclusive, de línguas não apenas se trabalhe com um letramento que tem se mostrado restrito aos eventos da escola, um conjunto de práticas de leitura e escrita, em gêneros tradicional e propriamente desenvolvidos nessa agência – resumos, resenhas, ensaios, esquemas, descrições, relatórios, exercícios, narrações, questionários, entre outros – e em gêneros que se originaram em outros contextos – publicitário, jornalístico, literário, entre outros – e se tornaram escolarizados. É necessário desenvolver e potencializar práticas pedagógicas com os letramentos múltiplos que a vida extraescolar na cidade requer dos alunos e que esses naturalmente desenvolvem em seu cotidiano, com vistas a uma educação linguística democrática e ética. Desse modo, ampliando e democratizando, também, os tipos dos textos que na escola circulam (ROJO, 2010).

Nesse sentido, temos em vista que a escola contemporânea está em um contexto de rápidas mudanças, algumas dessas, ao menos quatro, são concernentes à circulação da informação e aos meios de comunicação, provocadores da intensificação e diversificação dessa circulação:

*a vertiginosa intensificação e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais [...]; a diminuição das distâncias espaciais – tanto em termos geográficos [...] como em termos culturais e informacionais [...]; a diminuição das distâncias temporais ou a contração do tempo, determinada pela velocidade sem precedentes [...]; a multisssemiose ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato da leitura [...] (ROJO, 2009, p. 105, destaques da autora).*

Nos últimos trinta anos, os letramentos na sociedade urbana passaram a exigir novas competências e habilidades no trato com textos e com a informação. Porém, os letramentos escolares “[...] não acompanharam essas mudanças e permanecem arraigados em práticas cristalizadas, criando insuficiências. Há, pois, problemas sérios no letramento escolar das camadas populares” (ROJO, 2010, p. 23).

A escola no Brasil, principalmente, a pública, em seus últimos sessenta anos, tem mudado sua clientela, em razão do objetivo de universalização do acesso democrático às oportunidades da educação pública. Classes sociais populares tiveram acesso à educação pública, trazendo para essa instituição letramentos que muitas vezes essa desvaloriza, o que se coaduna com a dificuldade de alunos dessas classes nos letramentos dominantes, das esferas jornalística, literária, de divulgação científica e mesmo, da escolar. Isso faz com convivam na escola letramentos múltiplos: “[...] cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e

autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados” (ROJO, 2009, p. 107). É nesse contexto que a escola precisa desempenhar a função de colocar em diálogo multicultural os discursos/textos locais com os das culturas valorizadas, patrimoniais e cosmopolitas. Isto é, o seu ensino deve aproximar-se da realidade social em que ela está inserida, ao admitir e se interessar pelas culturas do alunado e professorado, tendo como objeto pedagógico, de estudo e crítica, culturas vernaculares e locais e a de massa, não somente as dominantes (ROJO, 2009).

É preciso que, no ensino de língua materna, se ampliem usos e práticas de linguagens: de **produção** escrita, oral e multissemiótica, **recepção** (ler/escutar/assistir) e de **análise** explícita e sistemática de recursos linguísticos/semióticos, em textos de diferentes gêneros e extensões, em variados suportes e mídias e/ou com variedades linguísticas diferentes, **sem desconsiderar a centralidade da oralidade e da escrita**, ou seja, do trato com a modo/semiose verbal oral e escrito(a), nesse ensino. Dessa maneira, que sejam trabalhados:

- Multiletramentos – envolvem o tratamento com textos, produtos de **diversas culturas**, os quais são de mídias digitais/analógicas ou não, constituídos por recursos de **diversos modos de significação/semioses**, que juntos(as) geram significação: recursos

escritos, orais, musicais, imagéticos (imagens em movimento – desenhos animados, vídeos com filmagem etc. – e imagens estáticas – figuras geométricas e outras ilustrações, fotos, etc.), corporais e do movimento (em danças, performances, esportes etc.), matemáticos etc. A produção de tais textos pode exigir novas ferramentas, cada vez mais digitais, de vídeo, áudio, edição, diagramação e tratamento da imagem, além das de escrita manual, como papel, caneta, lápis, pincel, giz, lousa e pena, e de escrita impressa, como a imprensa e a impressora (cf. ROJO, 2012).

- Letramentos multiculturais – abordagem crítica de produtos culturais letrados da cultura dominante e da escolar, das culturas locais e populares de alunos e professores e da cultura de massa. Isso promove uma triangulação da escola como agência de letramento cosmopolita e patrimonial, entre as culturas valorizada, global e locais (ROJO, 2009).
- Letramentos críticos – abordagem crítica, com intenção de compreender finalidades, ideologias e intenções dos textos e produtos de múltiplas culturas e mídias, dialogando com eles (cf. ROJO, 2009). Assim, tem-se o texto como discurso, em seu contexto histórico, cultural e ideológico de produção, com reflexão sobre a adequação e efeitos de sentido, gerados no uso de recursos linguísticos/semióticos.

## REFERÊNCIAS

- ROJO, Roxane H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando?. In: RANGEL, E. de Oliveira; ROJO, Roxan. **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane H. Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.
- STREET, B. V. **Cross-cultural approaches to literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. What's new in New Literacy Studies? Critical Approaches to Literacy in Theory and Practice. **Current Issues in comparative Education**, New York, vol. 5, 2003.

<sup>1</sup> Costa, Lucas dos Santos – Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista da Capes. Graduado em Letras – Licenciatura em inglês, português e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi (UnirG).

# MACHADO X MACHADO

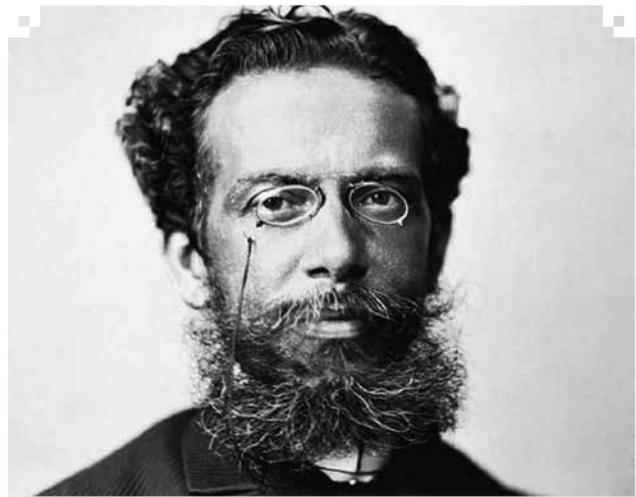
Por Isabelle Alves Neves

Sabe-se que o poema é uma forma de elaboração na qual a ficcionalidade se integra ao modo de voltar-se para si, através da função estética. Por isso, para analisar um poema, é necessário observar alguns pressupostos teóricos de análise literária.

“Machado” é um poema extraído do livro *Plantões e Poemas*, de Felipe Neves (2022), é composto por três quartetos, contendo doze versos heterométricos e possui o esquema de rimas alternadas.

A inspiração para o tema vem de outros textos, mais especificamente, da leitura de obras de Machado de Assis, que atuou em quase todos os gêneros literários, destacando-se pela sua produção de textos em prosa, uma vez que sua poesia não ganhou a mesma notoriedade por apresentar uma poética ingênua e sem força dramática.

No poema “Machado”, na primeira estrofe, o poeta busca a inspiração fazendo uma referência à mitologia grega, quando diz: “*Não permita boceta de Pandora se abrir*”, segundo a mitologia grega, ‘boceta de Pandora’ era uma caixa que continha todos os males, Pandora a abriu e todos os males saíram e começaram a afligir os homens. No verso seguinte, utilizando da metalinguagem, o poeta roga ao expoente máximo da literatura a inspiração para



“Meu torso no espaldar da tua cadeira uma irá repousar  
Não permita boceta de pandora se abrir  
Protonotário da literatura hei de rogar  
Para conspícuos textos poder redigir”

redigir com facilidade seu poema.

Na segunda estrofe, o poeta continua rogando pela inspiração, de forma que não lhe traga sofrimento, não torne seus versos ácidos e não necessite de nenhum remédio para auxiliar na evolução de sua escrita poética.

“*Não fazei-me dúbia lágrima  
A ponto de emplastos usufruir  
Deixa-me versos de acrimônia lástima  
Para minh’alma de poeta evoluir*”

Na terceira estrofe, a interjeição dá o tom da prece, a qual é dirigida diretamente ao escritor Machado de Assis, fazendo o jogo do substantivo próprio (Machado) com o substantivo simples (machado), de forma que a sabedoria do primeiro não se transforme no instrumento cortante que é o segundo. O poeta pede para que não seja adiada a luz da inspiração, mas que a luz da aprovação dissipe a sombra sobre sua produção poética.

*“Oh! Assis, não se faça machado  
Não Procrastine minha ignorância vil*

*Se fizer secto desse dom inato  
Não anui que eu seja somente um  
poeta sombrio”*

Finalmente, o vocabulário utilizado pelo poeta faz referências à escrita machadiana, criando a intertextualidade através de expressões extraídas de algumas de suas obras, tais como: Protonotário, conspícuos, emplastos, acrimônia lástima, trazendo o rebuscamento da linguagem para o texto, apesar do uso coloquial no verso *“Não fazei-me dúbia lágrima”*.

#### Referência

NEVES, Felipe Oliveira. **Plantões e Poemas**. Goiânia: Kelps, 2022.



Emoção e expressividade fizeram parte do II Festival de Poesia Falada, realizado na noite desta sexta-feira, 23, no Campus Jacinto Nunes da Silva, da Universidade de Gurupi – UnirG. O concurso é promovido pelo curso de Letras em parceria com a Academia Gurupiense de Letras (AGL) e a Rádio UnirG FM 95.9.

Participaram das apresentações estudantes do Ensino Médio, público em geral, egressos e alunos da UnirG.

Todos os participantes receberam certificado de Menção Honrosa e as poesias e interpretações melhor votadas pela comissão julgadora foram premiadas com troféus.

**Melhor Poesia (Juvenil):** 1º lugar: Poesia “Modernidade, o inevitável!” por Ramon da Silva. 2º lugar: Poesia “Meu legado, minha história” por Evellyn Beatriz Noleto. 3º lugar: Poesia “Sua história!” por Maria Vitória Nunes

**Melhor Poesia (Adulto):** 1º lugar: Poesia “Em silêncio, em luta” por Luana Costa. 2º lugar: Poesia “A metade que virou inteiro” por Luiz Henrique Vaz. 3º lugar: Poesia “Onde foi que nos perdemos?” por Jhennifer Silva.

**Melhor Intérprete (Juvenil):** Ramon da Silva Custodio. **Melhor Intérprete (Adulto):** Luana Costa de Carvalho.

Fonte: Ascom/UnirG

# MELOPEIA E TRADUÇÕES

## ICARUS' DREAM

(Jack Barbosa)

Flying, flying  
Going way up high  
Going wherever it does  
Coming down till the sky falls  
Or changing colors  
Angels made of gas  
Wings of illusion  
And a daring dream, like a balloon

Aloft, aloft  
I'm like that  
A beam of the lighthouse  
Moreover, a bitter ending  
Simply the sunshine  
Good rock'n'roll music playing  
Or maybe some jazz  
Sound on sound  
Even more, way more  
What comes out of me comes from the pleasure  
Of wanting to feel what I can't have  
What makes me be what I am  
Is that I enjoy going where nobody has ever gone  
Up high, in my heart

Higher, in my heart

Living, living  
Not pretending  
Hiding it in a glance  
Asking no more than allowing  
Games of chance  
The faun and the moon  
Shadows in the basement  
And a lame gig every summer

Fleeing, dear  
To be happy  
Only in the South Pole  
I'm not leaving my country  
Nor wearing blue  
Make that sign

Sing that touching song  
In any pitch you like  
Repeating love is also satisfying  
There's more liquor  
Inside that candy  
Going till one day comes  
On which the sun melts the wax until it ends  
Up high, in my heart  
Higher, in my heart

## SONHO DE ÍCARO

Voar, voar  
Subir, subir  
Ir por onde for  
Descer até o céu cair  
Ou mudar de cor  
Anjos de gás  
Asas de ilusão  
E um sonho audaz, feito um balão

No ar, no ar,  
Eu sou assim  
Brilho do farol  
Além do mais, amargo fim  
Simplesmente sol  
Rock do bom  
Ou quem sabe, jazz  
Som sobre som  
Bem mais, bem mais  
O que sai de mim vem do prazer  
De querer sentir o que eu não posso ter  
O que faz de mim ser o que sou  
É gostar de ir por onde ninguém for  
Do alto, coração

Mais alto, coração

Viver, viver  
E não fingir  
Esconder no olhar  
Pedir não mais que permitir  
Jogos de azar  
Fauno lunar  
Sombras no porão  
E um show vulgar todo verão

Fugir, meu bem  
Pra ser feliz  
Só no Pólo Sul  
Não vou mudar do meu país  
Nem vestir azul  
Faça o sinal

Cante uma canção sentimental  
Em qualquer tom  
Repetir o amor já satisfaz  
Dentro do bombom há um licor a mais  
Ir até que um dia chegue enfim  
Em que o sol derreta a cera até o fim  
Do alto, coração  
Mais alto, coração

## ANGELIQUE

(Kassandra King)

Love sunflower sprouts grown  
on my balcony, all on my own

Oy Vey! exclaim the seeds  
Mother Nature meets our needs

Rainwater, air, soil and light  
rightly sewn on new moon's night

what image comes out of thin air  
Into the wild in their own lair

Mother nature inspires the poets, living  
reminding your inner child of anything

What say you, casting your spell  
Cosmic realms in one nutshell

Smelling out the new moon hay  
Spring made for each one. Ixnay!

## ANGÉLICA

(Jack Barbosa)

Amo brotos de girassol crescidos  
na minha varanda, crescem sozinhos

Uau! exclamem as sementes  
A Mãe Natureza atende às nossas necessidades

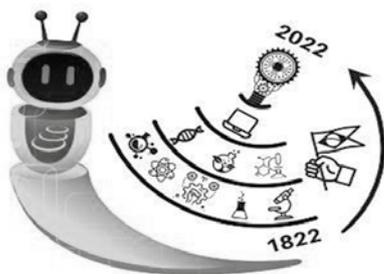
Água da chuva, ar, solo e luz  
perfeitamente costurados na noite de lua nova

que imagem surge do nada  
na natureza em seu próprio covil

A mãe natureza também inspira os poetas, que vivem  
lembram sua criança interior de alguma coisa

O que você diz lançando seu feitiço  
Reinos cósmicos em poucas palavras

Cheirando o feno da lua nova  
Primavera feita para cada um. Não!



**8ª SICTEG**  
**BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA**  
200 ANOS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL



## II SEMINÁRIO LINGÜÍSTICO E LITERÁRIO Práticas Educativas de Egressos

26, 27 E 28 de Outubro de 2022 - UFT



**Pibid** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. A intenção do Pibid é elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura.

## OUTRAS ARTES

# A ARTE DO CINEMA

Tom  
Hanks é  
Forrest  
Gump  
O Contador  
de Histórias



Do diretor, Robert Zemeckis, *Forrest Gump – O Contador de Histórias*, de 1994, foi um grande sucesso de bilheteria. Com uma estória cativante e emocionante, a obra retrata a inocência em que Forrest vê a vida e suas dificuldades, que são dribladas com o jeito simples e positivista do personagem, gerando grandiosos feitos em momentos históricos dos Estados Unidos. Como o gingado de Elvis Presley, da superação da sua deficiência nas pernas de torna-se um grande corredor e jogador de futebol americano, ser soldado na Guerra do Vietnã, ser um empresário de sucesso com a venda de camarão e inúmeros outros feitos.

Entre todos os seus fabulosos feitos e nas mais inusitadas situações em que o personagem se encontra, seu grande amor de infância, Jenny Curran, está em seus objetivos e em suas findáveis cartas, que nunca chegam ao seu destino, já que a personagem na maioria de sua trajetória possui uma vida conturbada. E por um acaso, vindo da inocência de Forrest, os dois se reencontram.

*Forrest Gump*, que é interpretado pelo ator Tom Hanks, nos ensina que a vida pode ser grandiosa e exuberante em qualquer situação em que nos encontramos, basta termos um olhar otimista e perseverante.

O filme brasileiro, *O estômago*, de 2007, do diretor, Marcos Jorge, traz grandes nomes como Fabíula Nascimento, que interpreta Íria, João Miguel, nosso protagonista Raimundo Nonato, Babu Santana, Bujú e vários outros atores.

De modo simples e dinâmico, com passado e presente dispostos em cada cena, sem deixar claro em qual tempo pertence cada uma delas, o filme apresenta uma narrativa da vida de Raimundo, ora aborda as dificuldades e perrengues na prisão, e como o personagem ganha credibilidade com os demais presos com sua gastronomia sofisticada, fazendo com que a comida sem tempero e vencida crie sabor e aromas, conquistando os estômagos de seus colegas. E outrora relata a realidade de um desprovido de riquezas, com sua inocência de interior e sem ninguém, na busca de uma vida com oportunidades na cidade grande, onde começa a trabalhar em um bar por dívida de algumas coxinhas. E por suas coxinhas ele conhece seu amor, Íria, uma garota de programa desapegada e interesseira, que acaba sendo conquistada pelo estômago, pela comida de Raimundo. Esse envolvimento entre os dois durante a narrativa é intenso e engraçado em alguns momentos, mas movido pela fome e interesse de Íria e o amor cego e ciumento de Raimundo, levando a narrativa ao prazer e ao horror bizarro.

*Marcos Paulo Cerutti*



# TEATRO

## A CULTURA MÁGICA QUE RESISTE AO TEMPO

*Por Clara Francisca Borges de Oliveira*

Conhecer a história do teatro é um passo a mais para aqueles que se “alimentam” da cultura. A necessidade de se expressar toma conta da alma dos verdadeiros artistas; dançar, cantar, gritar, chorar e inúmeras expressões, sobrepõe à contensão. Foi dessa explosão de sentimento e dessa vontade que o teatro surgiu; antes o que era visto como rituais se tornou a maneira, ou melhor, na capacidade que o ser humano encontrou para se expressar de forma mútua e concreta aos olhos, uma forma que vai além do pensamento, uma capacidade de ser alguém ou algo. O mundo se tornou pequeno para essa cultura mágica, não se deixando ficar contida viajou por todos os lugares possíveis, levando

conhecimento e experiências para aqueles que a abraçavam, ainda com sentimento de curiosidade e com grande inteligência os homens de todo esse universo global, tornou possível um misto de tipos teatrais. O que antes começou com rituais vem se aglomerando em diferentes tipos culturais de todo o mundo.

A expressão “teatro” tem sua origem nos verbos gregos “ver e enxergar” (theastai). O vocábulo grego Théatron estabelece o lugar físico do espectador, lugar onde se vai para ver, entretanto, o teatro também é o lugar onde acontece o drama frente à audiência, complemento real e imaginário que acontece no local de representação. Ele é um instrumento de expressão antigo, com

possibilidades de ser usado pelo homem, nas festividades sobre a figura de Faraó na época clássica e depois vigorando-se na antiguidade clássica exatamente na Grécia antiga, no século IV a.C.

Porém, o teatro, ao contrário de que muitos imaginam, iniciou-se antes mesmo da história de Dionísio da antiga Atena e os inúmeros textos teatrais de William Shakespeare, que nos remetem ao universo criativo e real, dando-nos ideia de que o teatro se iniciara através de suas obras. Berthold (2008, p.01) descreve que “o teatro é tão velho quanto à humanidade”. E que para chegar até o que de fato pensávamos ser o início e ainda assim não menos importante, a história do teatro vem desde os primitivos aos tempos modernos.

Ainda no pensamento de Berthold (2008, p. 02), “O teatro dos povos primitivos assenta-se no amplo alicerce dos impulsos vitais, primários, retirando deles seus misteriosos poderes de magia, conjuração, metamorfose dos encantamentos de caça dos nômades da Idade da Pedra, das danças de fertilidade e colheita dos primeiros lavradores dos campos, dos ritos de iniciação, totemismo e xamanismo e dos vários cultos divinos.”.

Sem dúvida, o autor nos remete a pensar que o teatro é distribuído em rituais culturais, onde de fato se origina a atuação através da dança, caça, e crença de um povo desde a Idade da Pedra à atualidade. O que de fato nos permite enxergar que isso vem ocorrendo visivelmente no decorrer do tempo é que, sem sombra de dúvida a crença é instrumento muito antigo dentro

do teatro. Tiramos por base a Idade Média que enfatiza a realidade entre o sagrado e o profano, dentre seus famosos Autos. Sobre isso, podemos entender melhor quando Berthold afirma que: “O teatro da Idade Média é tão colorido, variado, cheio de vida e contrastes quanto os séculos que acompanha. Dialoga com Deus e o diabo, apoia seu paraíso sobre quatro singelos pilares e move todo o universo com um simples molinete. Carrega a herança da Antiguidade na bagagem como viático, tem o mimo como companheiro e traz nos pés um rebrilho do ouro bizantino.”. (Idem, p.185).

Conclui-se que a origem do teatro pode ser remontada desde as primeiras sociedades primitivas, e que possuía um caráter ritualístico entre dança e interpretações, tanto musical quanto corporal.

Com o tempo, esses rituais foram sendo observados e através desses, notou-se que se dividia em gêneros teatrais. O primeiro gênero a ser observado foi a tragédia, em sequência, a comédia; ambos inspiraram o drama e a tragicomédia e atualmente dispomos a somar de outros gêneros como: drama, revista, musical, farsa, monólogo, auto e teatro de fantoches.

O teatro multiplicou em uma transformação cultural vinda de atitudes artísticas impulsivas do homem em meio à sociedade. Arrisco em confirmar o que alguns pesquisadores dizem quando não se sabe quem de fato fez a primeira atuação, pois o teatro é algo espontâneo e a cultura sem dúvida é algo que atíça o autor e o ator que já tem em si o universo teatral.

**Referência:**

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. 4 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

# MARULHOS LITERÁRIOS

## LITERATURA TOCANTINENSE

### LIVRO: A CASA (IN)CÔMODO(S) (DI)VERSOS

**O Autor:** O escritor Osmar Casagrande Campos nasceu em Presidente Epitácio em 8 de dezembro de 1956. Aos 15 anos mudou-se para Bragança Paulista, depois para São Paulo, onde passou boa parte de sua juventude. Foi na capital paulista que aprimorou sua arte de escrever; ali também formou em Comunicação Social, dando preferência à Publicidade e Propaganda. Atualmente Osmar Casagrande vive em Palmas também é ator, dramaturgo e contista. Casagrande é membro fundador da Academia Palmense de

Letras, da qual foi vice-presidente. É um expoente do movimento literário contemporâneo no Tocantins. Poeta plural e que tem por diretriz não se prender a temas ou estilos pré-estabelecidos.

**Características da obra:** Gênero: Lírico; Categoria: Poesia; Estilo: Literatura Tocantinense.

Em seu exercício de constante ressignificação, 'A Casa' é, em verdade, uma planta arquitetônica da vila, cidade, país e mundo em sua amplitude de intencionalidades. É uma casa mundana, onde não faltam as aventuras de altos voos do espírito, à qual o autor nos convida constantemente a penetrar, ocupar, gozar, num à vontade desses do interior.

O que está mais presente é o lirismo, há a fusão poema e prosa em alguns momentos. Há também fusão de linguagens antagônicas e utilização de elementos da vida cotidiana, por isso, tem características modernas e contemporâneas. Também, há a relação de proximidade entre narrador, autor e eu-lírico.

O poeta age como um arquiteto, pois cada poema é estruturalmente organizado como se fosse um cômodo da casa (daí a significação do nome).

O livro, ou A CASA, é dividido em seis partes, ou melhor em seis cômodos: A Sala, A Biblioteca, O Quarto, A Alcova, o Banheiro



e a Cozinha. Para cada cômodo de A CASA, o poeta recheou-a de (di) versos poemas sobre os mais variados temas.

No primeiro momento do livro o autor adverte, já nas Boas-vindas, que a 'CASA' "não é grande", porém, "é rica em ternura". E convida o leitor para conhecer todos os cantos da casa, suas peculiaridades e, retoma a Casa encabulada de Vinicius de Moraes, como referência poética do que se espera encontrar em todos os seus (in)cômodos (di) versos. (presença intertextualidade).

A riqueza de figuras de linguagem presente na obra se verifica com a comparação e/ou similaridade que o poeta utiliza com a imagem da casa. A Casa, imediatamente nos traz imagens de uma linda construção, simples e mágica. Imagem tão inovadora que parece poesia feita de concreto, vidro, aço e todos estes materiais novos e fantásticos que permeiam o nosso cotidiano e parece nos dizer que isto é modernidade.

Daí, que Osmar Casagrande poderia perfeitamente se enquadrar tanto como um poeta que traz as características dos poetas da segunda e terceira geração do modernismo brasileiro, quanto da poesia contemporânea brasileira.

Podemos destacar como características dos poemas de A CASA: a ironia, a reflexão sobre o destino do ser humano, a poesia lírica, o regionalismo, verso livre em paralelo a formas fixas, o verso livre, o verso branco e traços de concretismo com poemas visuais.

Os temas das poesias são universais, pois seu olhar está voltado às vivências da sociedade a respeito das crises sociais e humanas em que vivem o ser humano e o mundo contemporâneo.

Em sua poesia, observa-se uma constante nota de ternura e paixão pela vida. Nela, também, estão presentes a infância, a terra natal (São Paulo, Tocantins), a cultura popular, a família, a imagem do poeta louco, a defesa da linguagem modernista, a sensualidade, o lirismo inovador, o antilirismo, a reflexão existencial, a saudade dos amigos e o humor.

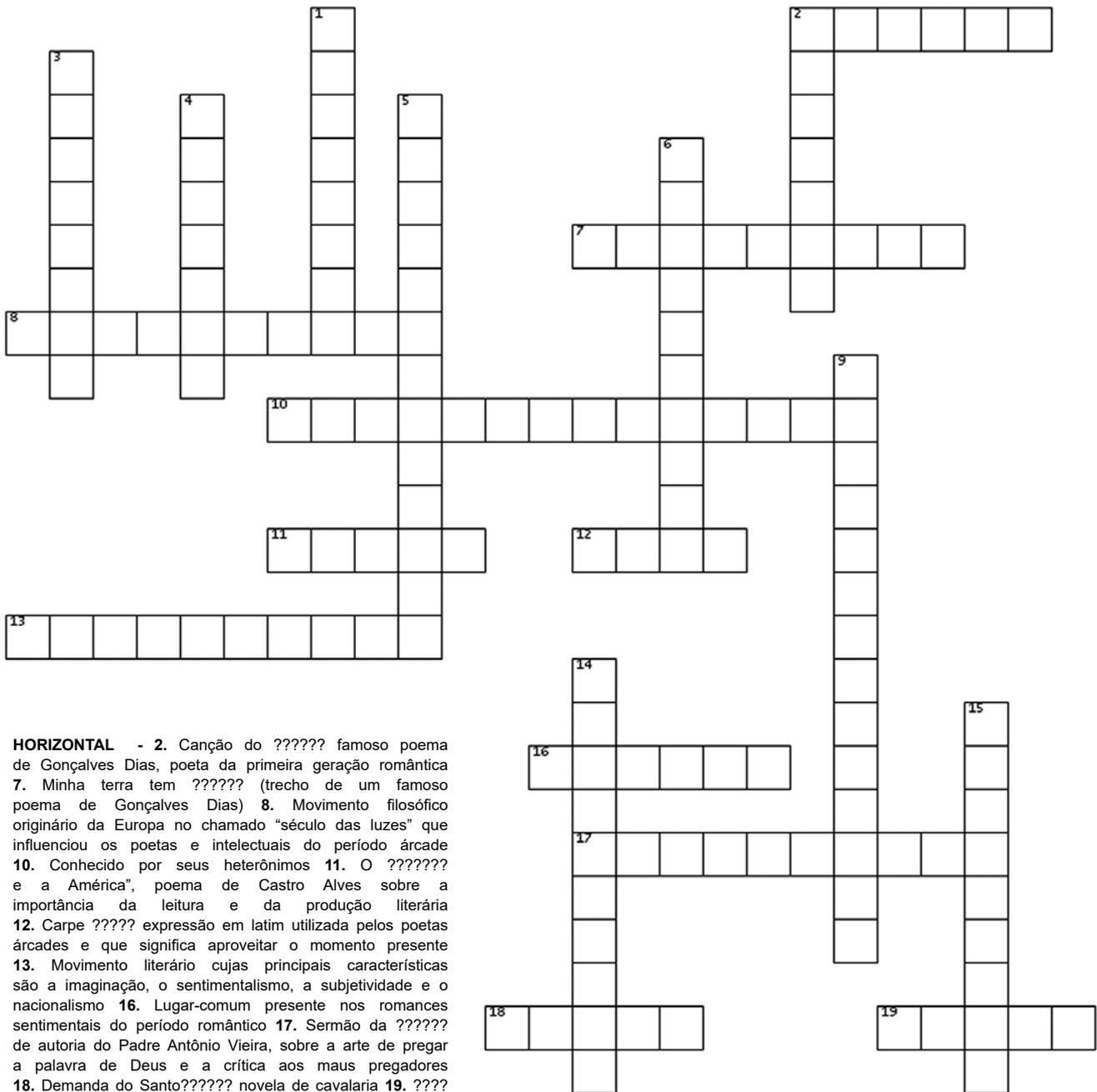
Linguagem simples, herdada da profissão de jornalista, comunicação direta, pensamentos, anotações, liberdade de tamanhos e formas. O poeta abusa da repetição de palavras e sons, (aliteração e paralelismos, paronomásias), a exemplo do poema "Vida Moderna", em que o mesmo mostra todas as doenças do mundo moderno e do homem moderno, e ao final, fecha com bastante ironia com a imagem da loucura. Leiamos o poema!

#### VIDA MODERNA

*Cuidado com o fumo que ele te acaba.  
Cuidado com a cirrose, com os amigos falsos.  
Cuidado com a artrite, a bronquite, a labirintite.  
Cuidado com o discurso, o escuso, o escuro.  
Cuidado com o cão, o povão, os bichos todos.  
Cuidado com os tolos.  
Cuidado, sobretudo, com o silêncio.  
Ele nos faz sensatos  
- e loucos.*

Finalmente, Osmar Casagrande, em A CASA (in)cômodos (di)versos, construiu uma obra alicerçada no ritmo natural da fala, na linguagem simples, na musicalidade, no cromatismo, na estética e na maestria de construir uma excelente obra poética. Vale a pena ler!

## CRUZADAS LITERÁRIAS



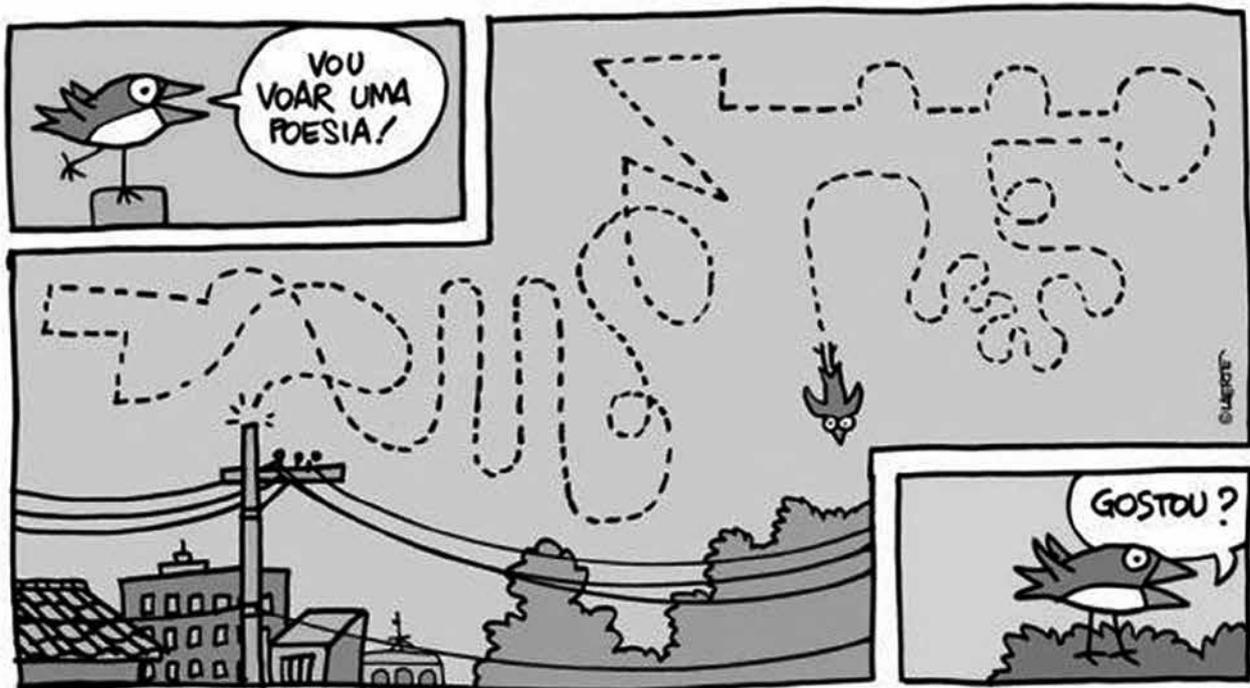
**HORIZONTAL** - 2. Canção do ?????? famoso poema de Gonçalves Dias, poeta da primeira geração romântica  
 7. Minha terra tem ?????? (trecho de um famoso poema de Gonçalves Dias)  
 8. Movimento filosófico originário da Europa no chamado "século das luzes" que influenciou os poetas e intelectuais do período árcade  
 10. Conhecido por seus heterônimos  
 11. O "?????? e a América", poema de Castro Alves sobre a importância da leitura e da produção literária  
 12. Carpe ????? expressão em latim utilizada pelos poetas árcades e que significa aproveitar o momento presente  
 13. Movimento literário cujas principais características são a imaginação, o sentimentalismo, a subjetividade e o nacionalismo  
 16. Lugar-comum presente nos romances sentimentais do período romântico  
 17. Sermão da ?????? de autoria do Padre Antônio Vieira, sobre a arte de pregar a palavra de Deus e a crítica aos maus pregadores  
 18. Demanda do Santo?????? novela de cavalaria  
 19. "???? Errante", conjunto de poemas mais famosos de Sousândrade, poeta da terceira geração romântica

**VERTICAL** - 1. "???? de um Sargento de Milícias" é o nome de um conhecido romance de autoria do escritor romântico Manuel Antônio de Almeida  
 2. Poema épico que celebra fatos históricos e heróis da antiguidade  
 3. famoso romance de Jorge Amado que é o nome da protagonista  
 4. ??? Meireles, poetisa brasileira  
 5. Pseudônimo dado a Gregório de Matos Guerra  
 6. Pai do teatro português  
 9. Foi fundador da Academia Brasileira de Letras  
 14. Poema épico escrito por Camões  
 15. Gonçalves de ????? primeiro poeta romântico brasileiro. Autor de "Suspiros Poéticos e Saudades" (1936)

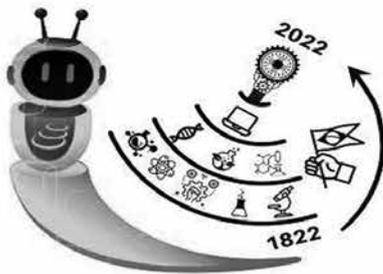


## CURIOSIDADE LITERÁRIA

O escritor Edgar Allan Poe frequentava, quando criança, um internato que ficava ao lado de um cemitério na Inglaterra. Suas aulas de matemática eram bem diferentes: entre os túmulos, os alunos tinham que calcular as idades dos mortos pelas datas nas lápides. E em suas aulas de ginástica, os alunos deveriam abrir as covas nas quais seriam enterrados os mortos da cidade! Macabro! Dá para entender agora o porquê do gosto pelo terror do nosso querido escritor.



*Andorinhas Escrevem No Ar – poema de Lindolf Bell, cartum de Laerte Coutinho*



**8ª SICTEG**  
**BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA**  
 200 ANOS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL

  
**UnirG | Letras**  
 Universidade de Gurupi

**II SEMINÁRIO LINGÜÍSTICO E LITERÁRIO**  
**Práticas Educativas de Egressos**

**26, 27 E 28 de Outubro de 2022 - UFT**

## LETRÓLOGO

### O PROFISSIONAL DAS LETRAS

O Curso de Letras tem como objetivo, formar profissionais capazes de aliar competência profissional a uma consciência crítica, passível de intervenção pela ação humana, contemplando as tendências que regem a produção do saber nas áreas do conhecimento das línguas portuguesa e inglesa, para a aquisição das habilidades específicas do profissional nele formado, capazes de equacionar e solucionar os problemas dessa área do saber, num ambiente de mudanças contínuas e preparar, em sentido amplo, o homem para a vida.

#### Competências e habilidades a serem desenvolvidas

① Reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico; ② Domínio de textos literários e identificação das relações de intertextualidade entre obras da literatura em língua portuguesa e da literatura universal; ③ Recepção das relações dos textos literários com outros tipos de discurso e com os contextos em que se inserem; ④ Interpretação de textos de diferentes gêneros e registros linguísticos e explicitar os processos ou argumentos utilizados para justificar tal interpretação; ⑤ Visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias, que fundamentam sua formação profissional; ⑥ Preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho; ⑦ Percepção de diferentes contextos interculturais;

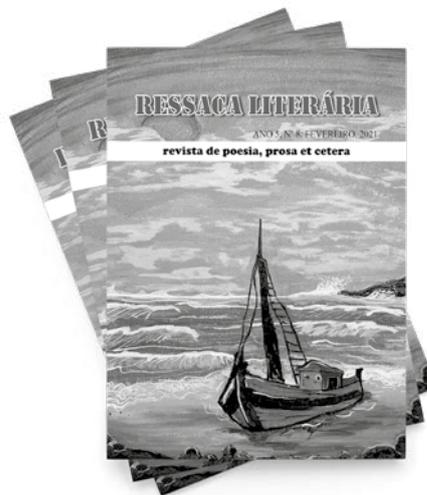


⑧ Utilização dos recursos da informática; ⑨ Domínio dos conteúdos básicos (fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos) que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio; ⑩ Domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino.

#### O profissional de Letras poderá atuar:

① Na área de docência, tanto particular quanto pública; ② na revisão de textos diversos nas línguas portuguesa e inglesa; ③ na assessoria e consultoria de empresas; ④ na tradução do português-inglês e inglês-português; ⑤ na organização de sistemas, unidades, projetos e experiências educacionais escolares e não-escolares, que envolvam o aprimoramento das línguas em questão; ⑥ na produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional, registrando artigos, elaborando livros, dando pareceres, entrevistas e aulas; ⑦ nas áreas emergentes do campo educacional, as quais necessitam da língua culta como conquista social.

# EDIÇÕES ANTERIORES





ISBN: 978-65-00-53811-3

**CDL**



9 786500 538113